DICIONÁRIO
DE
LITERATURA GAY

Livros, Autores e Referências da Literatura Lésbica, Gay, Bissexual, Transgénero e Queer de Portugal

AMOSTRA

AMOSTRA

DICIONÁRIO
DE
LITERATURA GAY

Livros, Autores e Referências da Literatura Lésbica, Gay, Bissexual, Transgénero e Queer de Portugal

7.ª edição
2022

de A a Z, de "A Alma Trocada" a "Zona Livre"

AMOSTRA

INDEX ebooks
2022

Ficha técnica

Título: ***Dicionário de Literatura Gay****: Livros, Autores e Referências da Literatura Lésbica, Gay, Bissexual, Transgénero e Queer de Portugal*. 7.ª edição, 2022, de "A Alma Trocada" a "Zona Livre".

Coordenação e revisão: João Máximo e Luís Chainho.
Foto da capa: detalhe de obra atribuída a Salvador Dali, por gentileza de Dulce Costa.
Edição 7.00 de 1 de agosto de 2022
Copyright © João Máximo e Luís Chainho, 2014, 2015, 2017, 2018, 2019 e 2022

Todos os direitos reservados.
Esta publicação não poderá ser reproduzida nem transmitida, parcial ou totalmente, de nenhuma forma e por nenhuns meios, eletrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, digitalização, gravação ou qualquer outro suporte de informação ou sistema de reprodução, sem o consentimento escrito prévio dos editores, exceto no caso de citações breves para inclusão em artigos críticos ou estudos.

Nota sobre direitos de autor.
Tivemos o cuidado de fazer apenas citações curtas em relação à dimensão das obras citadas; de citar, sempre que possível, a partir de fontes fiáveis, disponíveis para acesso público na Internet; de indicar sempre as fontes citadas; de citar de acordo com a legislação em vigor e com os termos de utilização expressos pelos autores, utilizando critérios em tudo semelhantes aos dos estudos académicos, ensaios e críticas. Contudo, caso se reconheça e identifique como titular de direitos de autor e considere que excedemos os limites da legislação ou dos termos de utilização da sua obra, ficamos à disposição para regularizar a situação e/ou incluir os devidos créditos em edições futuras deste dicionário, para o que bastará contactar-nos através do endereço de e-mail indexebooks.com@gmail.com.

INDEX ebooks
www.indexebooks.com
indexebooks.com@gmail.com
www.facebook.com/indexebooks
Lisboa, Portugal
ISBN: 979-8841927501

AMOSTRA

Introdução

Quando perguntámos a Richard Zimler se um dos seus livros poderia incluir-se na categoria de *literatura gay*, o autor respondeu que gostaria que a sua obra fosse avaliada apenas pela sua qualidade literária. Tal como Zimler, a grande maioria dos autores e editores prefere afastar-se de etiquetas que condicionam a leitura das suas obras. Harold Bloom, o reputado crítico norte-americano, afirma com contundência: "Outro dia fui falar de cinco dos meus poetas preferidos: Whitman, Pessoa, Lorca, Hart Crane e o maravilhoso Luís Cernuda. São todos homossexuais, mas que me interessa saber se eles preferem dormir com homens ou mulheres?" No entanto, como refere Ana Cristina Santos: "Em contextos em que as sexualidades que escapam à normatividade heterossexual são remetidas para a invisibilidade e marginalidade (como nos meios *mainstream* portugueses), torna-se necessário reinvestir e consolidar categorias que lutem contra essa invisibilidade."

Com efeito, a literatura de temática gay, como categoria, depois de nos primeiros anos do século XXI ter emergido brevemente da "longa noite sexual do Estado Novo" e dos "primeiros anos do Portugal democrático", nas palavras de Fernando Curopos, tem vindo a ser de novo "remetida para a invisibilidade" nos catálogos das editoras, nas prateleiras das bibliotecas e livrarias, e nas secções dos jornais e revistas. Foi essa a razão que nos motivou a compilar um dicionário de literatura gay, que inclua todas as representações LGBTQ+ da literatura portuguesa, com as quais as pessoas LGBTQ+ se possam identificar, nas quais se possam rever e que as ajudem a compreender-se melhor ou a serem melhor compreendidas.

A literatura LGBTQ+ é, neste dicionário, vista pelos olhos de pessoas LGBTQ+, e a decisão de incluir, ou não, um certo livro ou autor só por esse prisma foi avaliada, nada significando obviamente em relação à orientação sexual ou identidade de género dos envolvidos. Com o objetivo de explicitar os critérios de inclusão de verbetes neste dicionário, incluímos um capítulo de Perguntas Frequentes nesta secção introdutória do dicionário, cujas respostas proporcionarão, de forma simples, informações mais detalhadas sobre este assunto.

Além de dar maior visibilidade à literatura LGBTQ+, compilar um dicionário como este traz o enorme benefício de proporcionar uma visão de conjunto sobre a temática dicionarizada, o que permite propor uma abordagem cronológica, possivelmente inédita, à literatura LGBTQ+ portuguesa. Sobre este primeiro esboço cronológico, que se inicia no séculos XII, com as cantigas de escárnio e maldizer dos cancioneiros medievais galaico-portugueses, em que surgem as primeiras referências a orientações sexuais e de género dissidentes, passando pelas cenas de sexo lésbico para excitar o prazer masculino cisgénero dos romances de "literatura para homens", e pelo longo período do "armário literário português" que se manteve encerrado durante quase todo o século XX, com uma breve exceção, que ficou conhecida como o episódio da "literatura de Sodoma", recomendamos a leitura do capítulo Cronologia da literatura LGBTQ+ portuguesa.

Esta é a primeira edição completa do *Dicionário de Literatura Gay*, que inclui pela primeira vez todos os verbetes, de A a Z. Os verbetes estão organizados por ordem alfabética e são dedicados a livros, revistas, autores, temas, personagens, livrarias, editoras, prémios literários ou outras referências da literatura LGBTQ+ de Portugal. Em cada verbete incluímos um pequeno resumo ou apresentação da obra ou do autor, bem como algumas citações de fontes fiáveis que permitem colocar o assunto em contexto e explicar a sua relevância para o dicionário.

Para a elaboração deste dicionário contribuíram voluntariamente, ao longo dos últimos oito anos, diversos amigos e leitores entusiastas, nomeadamente os membros do *Grupo de Literatura Gay Portuguesa* do *Goodreads*, a quem estamos gratos. Agradecemos também a todos os autores citados e, muito em especial, aos nossos amigos Patrícia Relvas, Miguel Botelho, João Roque, Margarida Leitão, Claudino Moura, Filipe Serra Carlos e Vasco Arriaga, não só pelas suas contribuições informadas, mas sobretudo pelo encorajamento constante e amizade, que permitiram que levássemos a bom porto tão ambicioso projeto.

Bibliografia:

- Harold Bloom, "Agora temos obras-primas lésbicas esquimós" (*Público*, maio de 2001, citado em: Isabel Coutinho, "Diz-me com quem dormes e eu digo-te o que escreves?" *Público*, 24 de agosto de 2007)
- Ana Cristina Santos (citada em Anna M. Klobucka, "Was Camões Gay? *Queer*ing the Portuguese Literary Canon", artigo apresentado à convenção Modern Language Association, Chicago, 28 de dezembro de 2007)
- Eduardo Pitta, *Fractura, a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea* (Coimbra: Angelus Novus, 2003)
- Fernando Curopos, "Arsénio de Chatenay e seus mistérios" (*Os Mistérios do Asfondelo*, Lisboa: INDEX ebooks, 2020)

AMOSTRA

Cronologia da literatura LGBTQ+ portuguesa

Compilar um dicionário de literatura LGBTQ+ traz consigo o enorme benefício de proporcionar uma visão de conjunto sobre a temática dicionarizada, o que permite propor uma abordagem cronológica, possivelmente inédita, à literatura LGBTQ+ portuguesa, em que procuramos identificar grandes períodos e correntes literárias, de alguma forma homogéneos, de textos e autores portugueses que, ao longo da história, foram olhando para a sociedade, retratando os seus costumes, opiniões e tendências, e assim contribuindo para que possamos hoje compreender melhor o que foi e o que é ser LGBTQ+ em Portugal.

Uma cronologia da literatura LGBTQ+, por outro lado, pode ser uma excelente ferramenta de orientação e enquadramento à leitura ou ao estudo e investigação, por colocar em evidência tendências, influências e evoluções, entre épocas, géneros e autores, tanto ao nível social, como político ou moral e religioso, que de outro modo poderiam de alguma forma passar desapercebidas.

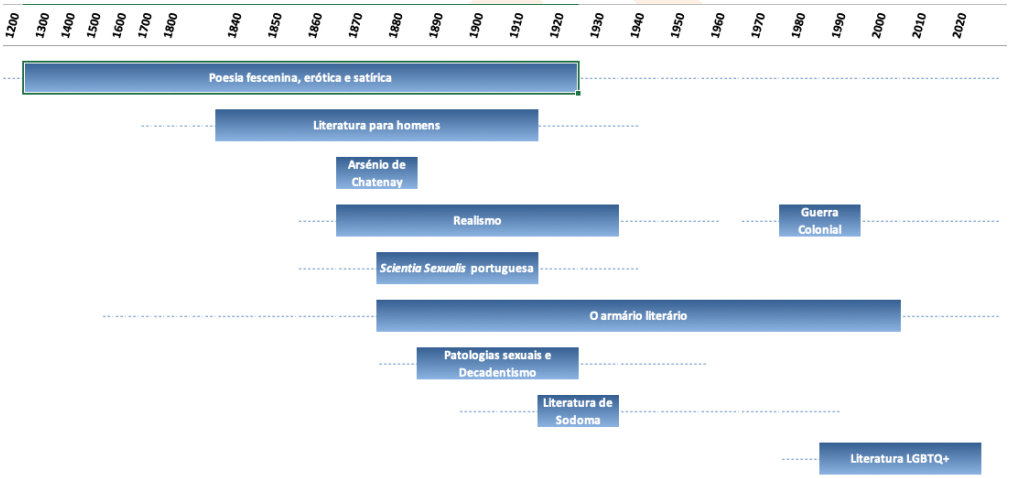

Figura 1. Cronologia da literatura LGBTQ+ portuguesa

Nesta cronologia da literatura LGBTQ+ portuguesa que agora propomos, e cuja representação esquemática apresentamos na figura 1, distinguimos dois grandes períodos: no primeiro, desde os primórdios da literatura até finais do século XIX, surgem as primeiras representações LGBTQ+ na literatura portuguesa, ao passo que no segundo, de finais do século XIX em diante, a temática LGBTQ+ passa a ser central nas obras e na produção de alguns autores.

No primeiro período, quando surgem os primeiros apontamentos ou caricaturas de sexualidades e identidades de género divergentes na literatura, podemos identificar os seguintes grandes grupos:

- **Poesia fescenina, erótica e satírica**: as primeiras representações de sexualidades não normativas, que surgem logo com os primeiros textos literários em português, no século XII, e continuam a poder ser observadas até às primeiras décadas do século XX.
- **Literatura para homens**: romances de teor erótico ou obsceno, de autores portugueses, que começaram a circular em meados do século XIX e foram sendo publicados até inícios do século XX.
- **Realismo**: corrente literária da segunda metade do século XIX, que se prolonga até ao início do século XX, na qual surgem os primeiros personagens homossexuais secundários, mas credíveis, da literatura portuguesa.

Já no segundo período, consideramos primeiro vários subconjuntos de livros, géneros e autores, daquilo a que chamamos de literatura de temática LGBTQ+:

- **Arsénio de Chatenay**: um autor ímpar que, com quase cem anos de antecipação, escreveu romances *queer* já no último quartel do século XIX, criando personagens principais fortes e coerentes que apresentam sexualidades e identidades de género não normativas.
- ***Scientia sexualis* portuguesa**: a medicina portuguesa, na senda da "invenção da homossexualidade" pela ciência do centro da Europa, também se interessou pelas "perversões e patologias sexuais", entre finais do século XIX e inícios do século XX.
- **Romances sobre patologias sexuais e Decadentismo**: a partir de 1891, com a publicação de *O Barão de Lavos*, de Abel Botelho, considerado o primeiro romance de temática homossexual de Portugal, e até ao primeiro quartel do século XX, a curiosidade do público pelas novas sexualidades "desviantes" foi satisfeita na literatura com romances em que os personagens principais eram perversos, degenerados ou decadentes.
- **O armário literário**: a instauração de regimes mais repressivos política e moralmente, no último quartel do século XIX, forçou os autores LGBTQ+ a esconderem-se por detrás de uma "rede semântica", nas palavras de António Fernando Cascais, que era decifrável pelas pessoas LGBTQ+ mas opaca para terceiros.
- **Literatura de Sodoma**: um breve período de "revolta" contra o asfixiante armário literário, nas décadas de 1920 e 1930, protagonizado por António Botto, Raul Leal, Judith Teixeira e Fernando Pessoa, que termina com a apreensão e queima de livros de temática LGBTQ+.
- **Masculinidades na Guerra Colonial**: um corpo de literatura que encontra o seu tema principal na guerra colonial portuguesa (1961-1974), em que é colocada em causa a ideia de masculinidade e surgem diversos relatos de relações homoafetivas e homoeróticas.
- **Literatura LGBTQ+**: a partir de finais do século XX, surge uma literatura que inclui já um sentido de identidade e comunidade, e "impõe direitos de cidadania", nas palavras de Eduardo Pitta.

Poesia fescenina, erótica e satírica

Quase desde o nascimento da literatura portuguesa, no século XII, que nela podemos encontrar representações de sexualidades diversas. Natália Correia revelou-nos, nos cancioneiros medievais, possivelmente aquilo que será a primeira representação do desejo lésbico na literatura portuguesa, uma Maria Mateus, "que gosta mais de cono do que eu". São sobretudo canções de escárnio e maldizer, que acossam e denunciam personagens da corte, como um certo meirinho Fernão Dias, que «se anda fodendo com outro». Mas nem todas estas canções sobre sexualidades não normativas são cáusticas e mordazes: entre elas há uma canção extraordinária, uma canção que poderá eventualmente descrever um amor entre dois homens: «Estas mágoas que de sofrer hei, / meu amigo, muitas e graves são; / e vós mui graves, e há muito tempo, / mágoas sofreis; e por isso não sei / de mim por vassalo e vós por senhor, / de nós qual sofre mais mágoas de amor".

Já no século XVII, Gregório de Matos continua a usar a poesia para fustigar "a homossexualidade dos governadores, a sodomia dos padres, a fornicação das freiras", tal como o fará depois, no século XVIII, Bocage, que nos seus sonetos eróticos, burlescos e satíricos não deixa, no entanto, de manifestar certos apetites sexuais: "Putas, adeus! Não sou vosso devoto; / Co'um sesso [rabo] enganarei a fantasia, / Numa escada enrabando um bom garoto."

É ainda graças à poesia obscena de temática homossexual que conseguimos compreender hoje que já em finais do século XIX existia em Lisboa uma certa "cultura homossexual masculina" e até um certo sentido de "comunidade", como afirma Fernando Curopos, autor que nos dá, em *Versos Fanchonos, Prosa Fressureira*, um panorama alargado da poesia homossexual erótica e satírica da época, na qual o *Almanak Caralhal*, publicado em 1860, surge em grande destaque.

Mais recentemente, continuamos a ouvir ecos da poesia satírica medieval e da poesia erótica e obscena dos séculos XVIII e XIX, como, por exemplo, em *O Bispo de Beja*, um forte manifesto anticlerical do início do século XX, e na poesia fescenina contemporânea de Fernando Correia Pina e J. J. Sobral.

Literatura para homens

Com a popularização do romance e da novela, no século XIX, a poesia deixa de ser o principal registo onde podemos encontrar representações de dissidências de género e sexualidade. Foi por esta época que começaram a circular clandestinamente em Portugal os primeiros romances de literatura para homens provenientes do estrangeiro, no idioma em que foram escritos ou em tradução. O primeiro romance português deste género literário terá sido *Saturnino, Porteiro dos Frades Bentos*, publicado em 1842, ainda assim uma recriação imaginativa e peculiar do romance francês *Histoire de dom B... portier des chartreux* (1741).

Estes romances eram destinados a alimentar e satisfazer o prazer erótico dos homens heterossexuais cisgénero e a encher as carteiras dos seus autores e editores, que se escondiam quase sempre à sombra do anonimato. Não tinham frequentemente grande pretensões literárias, chegando alguns a ser literalmente pornográficos. Um dos dispositivos de narração utilizados, por exemplo, era o de colocar o leitor na posição de *voyeur*, utilizando para isso um personagem que narra na primeira pessoa as cenas sexuais, de carácter sobretudo heterossexual, mas também lésbico e raramente homossexual, em que participa ou observa à socapa.

Numa época de forte anticlericalismo, os romances de literatura para homens são com frequência ambientados em conventos, onde freiras lúbricas se envolvem em cenas tórridas de sexo lésbico com outras freiras enclausuradas, ou com qualquer frade ou jardineiro que apanhem à mão. É o caso dos *best-sellers* da época, como foram *Os Serões do Convento*, que terá sido escrito anonimamente por António Feliciano de Castilho (ou pelo seu irmão José), ou *Os Mistérios do Asfondelo*, de Arsénio de Chatenay, autor a quem dedicamos um capítulo especial nesta cronologia.

No início do século XX, com o aparecimento sucessivo de novas tecnologias para a divulgação e comércio associados ao erotismo e à pornografia, inicialmente a fotografia e o filme, depois o áudio e o vídeo e, finalmente, a Internet, desapareceu quase por completo a prosa erótica e obscena para consumo masculino.

Arsénio de Chatenay

Arsénio de Chatenay é um caso aparte na literatura portuguesa de temática LGBTQ+ do século XIX. Embora possivelmente também motivado pelos objetivos comerciais dos romances de literatura para homens, Chatenay será talvez o primeiro autor cujos personagens não se definem apenas pelos atos sexuais que praticam, mas antes apresentam uma identidade sexual própria, da qual estão conscientes e com a qual se identificam, e a quem o autor não condena, antes brindando com finais felizes. Os seus personagens principais são frequentemente mulheres fortes, que fogem às simples relações lésbicas para gozo do leitor-*voyeur*, envolvendo-se em complexas relações poliamorosas, como em *Os Mistérios do Asfondelo* (1886), ou ultrapassando situações de confusão de género, como em *Os Jogos Lésbios ou Os Amores de Joaninha* (1877-1882).

Fernando Curopos considera que Arsénio de Chatenay está a par de tudo o que se faz a nível da *scientia sexualis* da época, mas discorda dela de certa maneira. Enquanto os médicos escrevem para condenar os atos contranatura das lésbicas (e dos homossexuais), ele demonstra a naturalidade da sexualidade humana, liberta de qualquer constrangimento. A sexologia que está a ser inventada pela medicina é castradora, passa a definir o que é a sexualidade (verdadeira = heterossexual, procriadora, genital) e os comportamentos patológicos. Chatenay sabe disso e escreve contra essa mesma "scientia sexualis". Logo, na "periférica praia lusitana", aparece um homem a escrever sobre sexo, servindo-se do discurso vindo lá de fora (Paris-Berlim), mas para escrever contra ele. E essa desconstrução só será feita um século mais tarde, a partir de Foucault... Na literatura finissecular (no naturalismo, como em Abel Botelho, ou no decadentismo, como em Villa-Moura), o que sobressai é o patológico e a condenação dos atos contranatura, nunca o narrador aparece a defender os "perversos". Têm que morrer, como o Barão de Lavos ou a Maria Peregrina, por serem seres abjetos. Joaninha, Raquel, Maria das Dores, e as outras "ribaldas" de Chatenay, acabam bem, e isso é que faz com que Arsénio de Chatenay seja um autor ímpar.

O realismo

A literatura do século XIX foi dominada por dois grandes movimentos literários: o romantismo e o realismo. O romantismo olhou para o mundo e para a humanidade de uma forma idealizada e subjetiva, sentimental, "romântica", e talvez por isso nem sequer reparasse na diferença, no não normativo. Em oposição ao romantismo, surgiu na segunda metade do século XIX o realismo, que estava interessado na vida tal como ela era, objetiva e implacavelmente. Foi essa curiosidade pela realidade da vida que

fez com que nos romances realistas surgissem os primeiros personagens homossexuais credíveis. São por norma personagens secundários e aparecem frequentemente em episódios curtos, que por vezes não ultrapassam um par de parágrafos, mas são os primeiros retratos que nos chegaram através da literatura dos homossexuais tal qual eram nessa época. Exemplo paradigmático destes relatos podem encontrar-se em Eça de Queirós, o grande mestre do realismo, com o seu Libaninho, de *O Crime do Padre Amaro* (1875) ou os pequenos apontamentos sobre Leopoldina, uma lésbica, em *O Primo Basílio* (1878), ou alguns diálogos soltos sobre António Moreno, conhecido em Coimbra por Antoninha Morena, em *A Ilustre Casa de Ramires* (1900). Acredita-se até que Eça estaria a planear escrever um romance que, pelo título, *O Gorjão – Primeira Dama* (mencionado pelo autor em correspondência de 1877), poderia ter como personagem principal um homossexual. Infelizmente, parece que este projeto de romance de Eça acabaria por nunca se materializar.

Mais tarde, já no século XX e já no seio de outras correntes literárias, encontraremos ecos destes personagens LGBTQ+ do realismo, como na série de romances de fundo autobiográfico *A Velha Casa* (1945-1966), de José Régio, ou no tio Ângelo, de Vitorino Nemésio, em *Mau Tempo no Canal* (1944), ou no olhar curioso mas não moralizador de Jorge de Sena, em, por exemplo, o Rufininho, de *Sinais de Fogo* (1979), ou ainda, já no século XXI, em Chalila Boé, o mulato adamado de *O Pecado de Porto Negro* (2014), de Norberto Morais.

Scientia sexualis portuguesa

Na segunda metade do século XIX, a heterossexualidade era considerada pela ciência e pela medicina como sendo a norma biológica natural, pelo que a homossexualidade que então era "descoberta", bem como as outras sexualidades e identidades que começavam a ser observadas, foram logicamente classificadas como patologias, passíveis de tratamento médico, ou degenerescências físicas, a eliminar cirurgicamente. Esta evolução do pensamento científico internacional acabou refletida na obra de diversos médicos e cientistas nacionais. Em 1886, Basílio Freire, em *Os Degenerados*, utiliza pela primeira vez o termo "homossexual" em português, ao passo que Adelino da Silva prefere o termo "inversão sexual", escolhendo-o para título da sua obra pioneira, *A Inversão Sexual* (1896). Mais tarde, são também de mencionar a canónica *A Vida Sexual* (1902), de Egas Moniz, onde no segundo volume, justamente intitulado *Patologias*, o Nobel da Medicina português dedica um extenso capítulo à homossexualidade, bem como outras obras, tais como o *Amor Sáfico e Socrático* (1922), de Arlindo Camilo Monteiro, e a *Evolução da Pederastia e do Lesbismo na Europa* (1926), de Asdrúbal António de Aguiar.

Durante o regime autoritário do Estado Novo, em meados do século XX, a moral religiosa e conservadora impostas dificultaram a investigação e a publicação de obras sobre sexualidade, apenas circulando quase clandestinamente alguns títulos estrangeiros, poucos dos quais traduzidos. Só com o ativismo pelos direitos civis dos homossexuais do pós-25 de Abril, e a visibilidade tristemente trazida pela pandemia da SIDA, a legislação foi sendo progressivamente adaptada para satisfazer as reivindicações de despenalização (1982), de igualdade perante a lei (1995-2005) e do casamento civil (2010), por exemplo. E foi assim que nas últimas décadas voltaram a surgir na literatura obras de caráter científico ou de divulgação científica que abordam a temática LGBTQ+, agora sobre uma grande diversidade de perspetivas, nomeadamente social, antropológica, cultural, jurídica ou política, bem como livros

de esclarecimento e autoajuda destinados aos homossexuais e suas famílias, escritos por psicólogos e psiquiatras.

Romances sobre patologias sexuais e decadentismo

Em Portugal, a representação da homossexualidade na literatura de ficção antecede o discurso médico com o personagem Libaninho, de *O Crime do Padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós, e com o conto *O Berloque Vermelho* (1875), de Silva Pinto. No entanto, o interesse e a curiosidade que despertam na sociedade as novas ideias sobre sexualidade estabelecidas pela *scientia sexualis* acabará por ter reflexo na literatura de ficção portuguesa já nos finais do século XIX e princípios do século XX, com romances e contos em que os personagens principais são "invertidos" ou "degenerados", que acabam por sofrer destinos nefastos (isolamento e desgraça social, doenças, morte ou suicídio). De entre estes romances naturalistas ou decadentistas que pretendem avisar contra os males e o declínio da sociedade, são de destacar os da série *Patologia Social* (1891-1910), em 5 volumes, de Abel Botelho, em que se inclui o primeiro romance português que toma para personagem principal um homossexual, *O Barão de Lavos* (1891), e os da série *Tuberculose Social* (1901-1905), em 12 volumes, de Alfredo Gallis, onde surgem os romances *Sáficas* (1902) e *O Sr. Ganimedes* (1906), bem como o romance do Visconde de Vila-Moura, Nova Safo (1912).

O armário literário português

Os estudos sobre sexualidade do século XIX, que permitiram constatar a existência de diferentes anatomias genitais e sexualidades, e de imediato procederam à sua classificação como perversidades, anomalias ou patologias, resultaram também na criação de um refúgio, o famigerado "armário", onde encontraram proteção, mas também isolamento e desespero, os dissidentes sexuais e de género. Da mesma forma, os escritores e poetas que então ganhavam consciência da sua sexualidade divergente se viram compelidos a fecharem-se num "armário literário", o qual, embora ocultasse do leitor comum a sexualidade dos autores e dos sujeitos ou personagens das suas obras, permitia, através pistas subtis e referências identitárias codificadas, que os textos fossem compreendidos na sua verdade intrínseca pelos leitores que se encontravam também mais ou menos oprimidos pelo mesmo "armário". António Fernando Cascais refere que, apesar de ser sobretudo um local de isolamento e proteção contra as agressões da sociedade, o armário literário foi, também, um veículo de comunicação, partilha e solidariedade entre iguais. Silva Pinto, com o conto *O Berloque Vermelho*, e o autor seu contemporâneo, António Nobre, alvo de críticas homofóbicas aquando da publicação do seu livro de poesia, *Só* (1892), terão sido dois dos primeiros autores portugueses forçados a encontrar refúgio no "armário literário".

Na primeira metade do século XX, com a instauração do regime conservador do Estado Novo (1933-1974), a repressão da expressão das sexualidades não normativas atingiu tais proporções que Eduardo Lourenço, citado em "Sinais de Cinza", chega a afirmar que toda a poesia portuguesa na segunda metade do século XX era homossexual. Casos paradigmáticos foram os de poetas como Eugénio de Andrade ou Pedro Homem de Mello, e mais tarde, Luís Miguel Nava ou Joaquim Manuel Magalhães. Ao contrário do que seria de esperar, a queda do Estado Novo e o advento da democracia e da liberdade em Portugal, depois da revolução de Abril de 1974, não escancarou de imediato as portas ao armário literário português, e alguns autores

proeminentes, como Mário Cláudio ou Ana Luísa Amaral só se sentiriam confortáveis para assumir a sua sexualidade muitos anos depois.

Literatura de Sodoma

Uma breve exceção, prontamente reprimida, ao armário literário português ocorreu com a reedição em 1922 do livro de poemas *Canções*, de António Botto, que continha poesia de teor abertamente homoafetivo e homoerótico, o que causou enorme polémica nos meios conservadores e religiosos da época. Fernando Pessoa, com artigos em revistas, e Raul Leal, com o opúsculo *Sodoma Divinizada* (1923), que acabaria por dar nome ao episódio, saíram em defesa de Botto. Os livros de Botto e Raul Leal, bem como *Decadência* (1923), de Judith Teixeira, seriam apreendidos e queimados, e estes autores foram votados ao esquecimento do público, da academia e da crítica literária, só voltando a receber a atenção que mereciam já nos últimos anos do século XX.

Masculinidades na Guerra Colonial

A guerra colonial portuguesa, que decorreu em Angola, na Guiné-Bissau e em Moçambique, entre 1961 e 1974, envolveu sobretudo homens jovens, colocados perante uma realidade desconhecida, longe do seu ambiente social e familiar, num rígido ambiente militar e sob ameaça permanente. Este cenário de violência, ansiedade e tensão psíquica, em que a proteção mútua é vital para a sobrevivência de cada um, colocou em causa os modelos vigentes de sexualidade masculina e favoreceu o aparecimento de relações homoafetivas e homoeróticas entre os militares.

A necessidade de narrar experiências de guerra, quase sempre traumatizantes, deu origem a uma grande quantidade de contos, romances e textos dramáticos, onde frequentemente surgem personagens envolvidos em relações homossexuais ou homofóbicas, como é o caso de *Capangala Não Responde* (1978), de Jorge de Sena, *Um Jeep em Segunda Mão* (1982), de Fernando Dacosta, *Fado Alexandrino* (1983), de António Lobo Antunes, *Até Hoje, Memórias de Cão* (1986), de Álamo Oliveira, *Os Navios Negreiros Não Sobem o Cuando* (1993), de Domingos Lobo, ou *Nó Cego* (1995), de Carlos Vale Ferraz. Ainda tendo como pano de fundo a guerra colonial, mas escolhendo para personagem principal Guy, um homossexual, é de salientar o romance de Guilherme de Melo, *A Sombra dos Dias* (1981), uma saga familiar que começa antes do início da guerra colonial e se prolonga para além do seu desfecho, relatando o drama dos "retornados" a Portugal após a independência dos novos países africanos.

Várias décadas depois de ter terminado, a guerra colonial continua a ser fonte de inspiração literária, como no conto *Pena Capital* (2009), de Domingos Lobo, e em *Ilha de Metarica, Memórias da Guerra Colonial* (2014), de João Carlos Roque, o primeiro livro de memórias narrado na primeira pessoa por um militar homossexual.

Literatura LGBTQ+

As promessas de liberdade da revolução de 25 de Abril de 1974, que pôs termos ao regime repressivo do Estado Novo, não se concretizaram imediatamente no que respeita às minorias sexuais. Com poucas exceções, de entre as quais se destacam a poesia *queer* de Al Berto, reunida em *O Medo* (*1987*), o já mencionado Guilherme de Melo, com *A Sombra dos Dias* (1981), e António Variações, com a sua *A Canção do Engate* (1984), entre outras, o armário literário português manteve-se de portas mais ou menos trancadas até ao princípio do século XXI. É por esta altura que surgem os

primeiros textos literários nos quais os autores abandonam os subentendidos e expõem abertamente e conscientemente a sexualidade não normativa dos seus personagens, que passam agora a ocupar lugares de destaque na trama ficcional, libertos dos estigmas patológicos de outrora, ou da repressão institucional ou censura homofóbica social recentes, como é o caso do romance *Pode Um Desejo Imenso* (2002), de Frederico Lourenço, ou da antologia de contos *Persona* (2000) e do romance *Cidade Proibida* (2007), ambos de Eduardo Pitta, e, mais tarde, de *Ara* (2013), de Ana Luísa Amaral, e *Astronomia* (2015), de Mário Cláudio, as obras com que estes dois autores premiados selaram a sua saída do armário literário. Presentemente, a produção literária de conteúdo e temática LGBTQ+ é considerável, nomeadamente no campo da não-ficção e da literatura infantil, bem como no da reedição de obras esgotadas ou antes forçadas ao esquecimento.

Bibliografia:

- Natália Correia, *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (Lisboa: Antígona/Frenesi, 2008)
- Eduardo Pitta, *Fractura, a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea* (Coimbra: Angelus Novus, 2003)
- António Fernando Cascais, "Apresentação de «O Berloque Vermelho» de Silva Pinto" (*O Berloque Vermelho*, Lisboa: INDEX ebooks, 2021)
- Rodrigo Anes de Vasconcelos, "Aquestas coitas que de sofrer hei" (*Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, n.º B368, séc. XII a XIV, adaptação nossa)
- M. M. Barbosa du Bocage, "Que eu não possa ajuntar como o Quintela" (*Poesias Eroticas, Burlescas e Satíricas*, Lisboa, 1853)
- Fernando Curopos, "Introdução" (*Versos Fanchonos, Prosa Fressureira: uma Antologia, 1860-1910*, Lisboa: INDEX ebooks, 2019)
- António Manuel Ferreira, "Sinais de cinza: derivas homoeróticas na obra de Jorge de Sena" (*Ler Jorge de Sena*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009)

AMOSTRA

Perguntas frequentes

Um dicionário é acima de tudo uma coleção sistemática, ordenada, abrangente e normalmente não valorizada sobre um qualquer ramo do saber humano. A inclusão de certos artigos ou verbetes num dicionário depende sobretudo de decisões sobre a relevância dos mesmos para a temática dicionarizada. Estas decisões deverão ser, tanto quanto possível, coerentes e bem definidas, embora incluam obviamente alguma componente de avaliação subjetiva. Foi para tentar explicar de forma simples e descomplexada quais os critérios que nos serviram para compilar este dicionário de literatura LGBTQ+ de Portugal que preparámos o conjunto de perguntas e respostas que se segue.

O que é um livro gay, o que é a literatura gay, o que é a literatura LGBTQ+?

Eduardo Pitta distingue a *literatura homossexual* da *literatura gay*, afirmando que "a primeira reflete sensibilidades e experiências isentas de sentido político determinado, a segunda não dispensa nunca o lastro ideológico. O homossexual «coexiste». O *gay* impõe direitos de cidadania". Neste dicionário, ambicionamos incluir todas as representações LGBTQ+ da literatura portuguesa, englobando não só aquilo a que Pitta chama *literatura homossexual* e *literatura gay*, mas também a literatura *queer*, bem como todos os livros, autores, instituições e referências literárias associadas às questões de orientação sexual e da identidade e expressão de género, aquilo a que, em conjunto, designamos por *literatura LGBTQ+*.

Então porque é que o dicionário se chama apenas de literatura gay?

Literatura gay é uma forma simplificada de nos referirmos à *literatura LGBTQ+*. Trata-se de uma designação com valia histórica, que se começou a utilizar em finais do século XX, por associação aos movimentos de libertação gay, nos Estados Unidos e, posteriormente, na Europa. Normalmente, quando falamos de *literatura gay* neste dicionário estamos de facto a referir-nos a livros, autores e referências da literatura lésbica, gay, bissexual, transgénero e *queer* de Portugal, tal como indica o subtítulo que escolhemos para o nosso dicionário.

O que é a *literatura LGBTQ+* de Portugal?

Tradicionalmente, considera-se literatura portuguesa toda a produção literária escrita em português por autores portugueses. Mas, o que dizer, por exemplo, de uma obra de temática gay de Richard Zimler, um autor americano que tem dupla nacionalidade, é casado com um português e reside em Portugal há muitos anos, mas escreve originalmente em inglês? Ou de uma biografia de Fernando Pessoa, escrita em português por um brasileiro que contratou uma equipa de investigação de portugueses durante quase uma década para o apoiar no trabalho de pesquisa para a escrita do livro? As fronteiras que delimitam o que é a literatura portuguesa não são rígidas e definitivas, sendo frequentemente objeto de debate. O mesmo se passa com a *literatura LGBTQ+* de Portugal. A nossa opção, neste dicionário, foi a de *pecar* por excesso,

aceitando que é preferível errar para não correr o risco de deixar de fora nada de relevante para os leitores.

A literatura gay interessa apenas aos leitores gay?

Tal como todas as obras de grande qualidade literária, também as grandes obras da *literatura gay* atraem um extenso número de leitores. Mas não só entre a comunidade LGBTQ+! A boa literatura é um espelho da alma humana, e sentimentos como o amor, a amizade, mas também o ciúme ou o ódio, são indiferentes à orientação sexual ou à identidade de género dos seus protagonistas, e têm o poder de nos atrair e emocionar a todos. A *literatura LGBTQ+* poderá interessar especialmente às pessoas LGBTQ+. Mas, de forma nenhuma, interessará apenas às pessoas LGBTQ+.

Só as pessoas LGBTQ+ escrevem literatura LGBTQ+?

Não! Caso contrário, só teríamos literatura policial escrita por detetives (ou criminosos!) ou literatura juvenil escrita por... crianças e adolescentes. Ah! e seguramente teríamos de passar sem a ficção-científica, pelo menos até se inventarem as viagens no tempo ou contactarmos com alguma civilização intergaláctica. Com efeito, estão presentes neste dicionário muitos autores que não identificamos nem se identificam a si mesmos como pessoas LGBTQ+, incluindo autores consagrados, tais como Eça de Queirós, Jorge de Sena, António Lobo Antunes, Rosa Lobato Faria ou Daniel Sampaio. Mais do que a orientação sexual ou identidade ou expressão de género do autor, interessam os seus personagens, os seus temas e os seus textos.

Todas as obras de um autor gay são de literatura gay?

Há quem diga que a orientação sexual e a identidade de género de um autor é uma condicionante tão forte na sua experiência de vida, nos seus comportamentos e reflexões, que não pode deixar de influenciar a sua obra. Defendem, por isso, que todas as obras de autores LGBTQ+ são parte integrante da *literatura LGBTQ+*, mesmo as que, aparentemente, não sejam explicitamente de temática LGBTQ+. No entanto, como consideramos que a perspetiva do leitor é a mais importante, trouxemos para este dicionário apenas as obras que possam ter uma leitura LGBTQ+.

Basta que haja um personagem LGBTQ+ para que a obra seja de literatura LGBTQ+?

Não. Por exemplo, no caso de *A Porta ao Lado* (Guilherme de Melo), o Ruizinho é um personagem menor, sem relevo no enredo, sem profundidade, pelo que não nos pareceu relevante criar verbetes específicos no dicionário para a obra ou para o personagem. Ao invés, tanto o Rodrigues como o Rufininho, de *Sinais de Fogo* (Jorge de Sena), são personagens fortes e marcantes, pelo que, mesmo sendo personagens secundários e não determinantes para a narrativa do romance, a sua relevância dicionarística parece óbvia. Neste dicionário, incluímos entradas mais extensas dedicadas aos personagens LGBTQ+ mais relevantes e breves verbetes de referência, sobretudo com o intuito de enquadrar e facilitar a indexação e pesquisa, para as obras em que esses personagens se inserem.

A opinião do autor é determinante?

Em entrevista a Isabel Coutinho, Ali Smith, uma autora escocesa premiada, afirma: "eu não sou o meu livro, nunca serei o meu livro ou mesmo um livro. Sou uma pessoa e os livros têm que fazer o seu trabalho. Têm que ser livros e têm que ser donos da história que contam." Não é raro encontrar um autor que se deixa surpreender pela interpretação que os leitores, críticos ou encenadores fazem da sua obra. Sendo que os leitores são os *juízes* últimos das histórias que os livros contam, foi a partir do ponto de vista do leitor, e não do autor, que tentámos ponderar a relevância de um determinado texto para este dicionário.

Como poderemos falar de literatura gay quando o conceito de gay só surge na segunda metade do século XX?

Com efeito, a designação "gay", com a carga de significado político e ideológico que acarreta hoje, só surgiu nos Estados Unidos na segunda metade do século passado. Do mesmo modo, a "invenção do homossexual", nas palavras de Michel Foucault, só aconteceu na Europa na segunda metade do século XIX. Quando falamos de *literatura gay* ou de *literatura LGBTQ+* estamos de facto a generalizar e a referir-nos a todas as representações literárias de sexualidades, orientações e identidades de género com as quais as pessoas LGBTQ+ contemporâneas se possam identificar, nas quais se possam rever e que as ajudem a compreenderem-se melhor ou a melhor serem compreendidas.

Que mais poderei, então, encontrar neste Dicionário de Literatura Gay?

Para além de livros e autores, pensámos que seria interessante para os leitores deste dicionário poder pesquisar outras referências relacionadas com a *literatura LGBTQ+*, e foi por isso que incluímos também verbetes para personagens, editores, chancelas, livrarias e livreiros, concursos e prémios literários, bem como outras instituições, objetos ou pessoas associados ao universo da *literatura LGBTQ+*.

Bibliografia:

- Eduardo Pitta, *Fractura, a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea* (Coimbra: Angelus Novus, 2003)
- Isabel Coutinho, "Ali Smith, «Eu não sou o meu livro»" (*Ípsilon*, *Público*, 24 de agosto de 2007)
- Michel Foucault, Histoire de la sexualité: la volonté de savoir (Paris: Gallimard, 1976)

ANOSTA

Que há de novo?

Esta sétima edição do *Dicionário de Literatura Gay* é a primeira edição completa do dicionário, que inclui, pela primeira vez, todos os verbetes, de "A" a "Z".

Para além dos novos verbetes correspondentes às letras de "S" a "Z", de *Saber ao Certo* até *Zona Livre*, procedemos à atualização e melhoria de muitos dos verbetes constantes das edições anteriores e incluímos ainda as seguintes novidades:

- *A Gorda*, de Isabela Figueiredo.
- *A Bela Condessa*, de Anónimo
- *A Canção do Engate*, de António Variações
- *A Capital!*, de Eça de Queirós
- *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós
- *A Corja*, de Camilo-Castelo-Branco
- *A Costa dos Murmúrios*, de Lídia Jorge
- *A Elipse*, de Henrique de Vasconcelos
- *A Família Luxúria*, de Fra Angélico
- *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós
- *A Janela de Naná*, de Gomes Leal
- *A Martinhada*, de Caetano Souto Maior ou António Camões Souto Maior
- *A Mentira Vital*, de Henrique de Vasconcelos.
- *A Nudez do Nosso Amor*, de Daniel Soeiro Ribeiro
- *A Praga*, de Francisco Manuel Cabral Metello.
- *A Primeira Vez*, de Pedro Vidal
- *A Relíquia*, de Eça de Queirós
- *A Representação das Minorias Sexuais na Informação Televisiva Portuguesa*, de Clara Caldeira
- *A Uma Dama Que Macheava Outras Mulheres*, de Gregório de Matos
- *A Verruga*, de Fialho de Almeida
- *A Vida São 60 Segundos*, de João Pedro Anjo
- Afonso Reis Cabral (1990)
- Alberto Pessoa (1883-1942)
- Alberto de Oliveira (1873-1900)
- *Álbum de Famílias*, de Susana Amorim e Rute Agulhas
- Alfredo Cortês (1880-1946)
- *Alguns Livros Reunidos*, de Joaquim Manuel Magalhães
- *Alma a Penar*, de Henrique de Vasconcelos
- *Almanak do Frontão*, de anónimo
- *Altisidora e Corisanda*, de Júlio Dantas
- *Amar, Gozar, Morrer*, de anónimo
- *Amor no Feminino*, de Manuela Amaral
- *Antologia Ficção Especulativa Queer*, de vários autores
- *António Botto & Fernando Pessoa*, de Nuno Ribeiro e Margarida A. Bastos
- *António Botto e o Ideal Estético em Portugal*, de Fernando Pessoa
- António Camões Souto Maior (1694-1739)
- António da Cunha Lemos de Azevedo Castelo Branco (1827-189?)
- António Feliciano de Castilho (1800-1875)
- António Galrinho (1964)
- António Lobo de Carvalho (1730-1787)
- António Manuel Couto Viana (1923-2010)
- António Moreno (personagem) de *A Ilustre Casa de Ramires*
- *António Palolo*, de Joaquim Manuel Magalhães
- António Variações (1944-1984)
- *António Variações* (livro de fotografia), de Teresa Couto Pinto
- *António Variações: Fora de Tom*, de Manuela Gonzaga
- *António Variações: Uma Biografia*, de Bruno Horta
- *Ao Lado de Clara*, de David Mourão-Ferreira

AMOSTRA

- *Apologia cavilosa em defensa* (...), de Gregório de Matos
- *Aquele Lustro Queer*, de Bruno Horta
- *Arco Íris* (fanzine)
- Armando Côrtes-Rodrigues (1891-1971)
- Armário literário português (tema)
- Arsénio de Chatenay
- *As Duas Confidentes*, de Petronius
- *As Noites Brancas do Papa Negro*, de Manuel da Silva Ramos e Alface
- Augusto Garraio (1845-??)
- Basílio Freire (1857-1927)
- *Bâton*, de Alfredo Cortês
- Bocage (1765-1805)
- *Cabaret Repórter X / A Última Noite*..., de André Murraças
- Caetano José da Silva Souto Maior (1694-1739)
- Camilo Castelo Branco (1825-1890)
- Camões do Rossio
- *Cancioneiro do Bairro Alto*, de vários autores anónimos
- *Canis Dei*, de Armando Silva Carvalho
- *Cartas de Olinda e Alzira*, de Bocage
- *Cartas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, organização de Manuela Parreira da Silva
- *Cartucho*, de Joaquim Manuel Magalhães
- *Cena do Ódio*, de Almada Negreiros
- *Cerebrais*, de Henrique de Vasconcelos
- Charlie (personagem) de *Os Maias*
- *Cinquenta. Orlando, Ouve*, de André Murraças
- *Comédia de Bristo*, de António Ferreira
- *Comédia do Fanchono*, de António Ferreira
- *Contos*, de Fialho de Almeida
- *Com'Out* (revista)
- *Combustão*, de Inês Marto
- *Constança*, de Eugénio de Castro
- *Continua o poeta satirizando-o*..., de Gregório de Matos
- *Correspondência de António Nobre*, organização de Guilherme de Castilho
- Crispim (personagem) de *Ursamaior*
- *Crucificados*, de Júlio Dantas
- *Dante*, de Lince Rebelo e Rui Resende
- David Mourão-Ferreira (1927-1996)
- *De Memória*, organização de Rita Aires e Teresa Teixeira
- *De Noite*, de Fialho de Almeida
- *Dedicatória extravagante que o poeta faz*..., de Gregório de Matos
- *Des(orientação): Assumir é o Caminho?*, de João Geraldes
- *Devastação*, de Eduardo Pitta
- *Diferente* (revista)
- Diogo Simões (1997)
- *Dislike*, de Diogo Simões
- *Dissecação de um Cisne*, de Miguel Bonneville
- *Divergentes*, organização de Rita Aires e Sofia Sá
- *Do Corpo: Outras Habitações*, organização de Ana Luísa Amaral e Marinela Freitas
- *Doentes*, de Júlio Dantas
- *É o Coração que Escolhe*, de Ana Alegre
- Eça de Queirós (1845-1900)
- *Elegia à Morte de Diogo Betancor*, de António Ferreira
- *Enredos*, de Rui Nunes
- *Ensaios de Santidade*, de Miguel Bonneville
- *Entrevistas*, de Francisco Manuel Cabral Metello
- *Episódios de um Baile*, de anónimo
- *Eros Trágico*, de Henrique de Vasconcelos
- *Erótica Pornográfica*, de J. J. Sobral
- *Essa Dama Bate Bué!*, de Yara Monteiro
- *Fado Alexandrino*, de António Lobo Antunes
- *Feminina*, de Mário de Sá-Carneiro
- *Fernan Díaz, este que and'aqui* (cantiga), de Pero Garcia Burgalês
- Fernando Campos (1924-2017)
- Fernando Correia Pina (1954)
- Fernando Curopos
- Fialho de Almeida (1857-1911)
- *Fim de um Mundo*, de Gomes Leal
- *Fisiologia do Fanchono*, de anónimo
- *Florêncio*, de Ladislau Batalha
- Francisco Manuel Cabral Mettelo (1893-1982)
- *Free Spirits*, de Marta Tasmânia

AMOSTRA

- *Galopam*, de Joaquim Manuel Magalhães
- *Genealogia que o poeta faz...*, de Gregório de Matos
- Gervásio Lobato (1850-1895)
- Gomes Leal (1848-1921)
- *Green God*, de Eugénio de Andrade
- Gregório de Matos (1636-1695)
- *Heitor - É Isto e é Bom!*, de M. A. Vagos
- Henrique de Vasconcelos (1876-1924)
- *Henriqueta, a Aventureira*, de Augusto Garraio
- *Henriqueta Emília da Conceição*, de Mário Cláudio
- Henriqueta Emília da Conceição e Sousa (1845-1874)
- *Henriqueta, ou uma Heroína do século XIX*, de António Joaquim Duarte Júnior
- *Hino a Pã*, de Fernando Pessoa
- *Homens Sem Soutien*, de Jorge Aguiar Oliveira
- *Homossexualidade* (poema), de Joaquim Manuel Magalhães
- *Homossexualidade no "Livro do Desassossego" de Fernando Pessoa*, organização de Victor Correia
- *Homossexualidades*, de Nuno Santos Carneiro
- *Idílio Triste*, de Gomes Leal
- *Insubmissos*, de Richard Zimmler
- Irene Lisboa (1892-1958)
- Isidro de Sousa (1973-2020)
- *Isto Não é um Glossário*, de Teresa Teixeira e outros autores
- J. J. Sobral
- *José Matias*, de Eça de Queirós
- Júlio Dantas (1876-1962)
- *Júlio de Melo Fogaça*, de Adelino Cunha
- *Korpus* (revista)
- *La Vendetta ou O Saldo de Contas*, de Arsénio de Chatenay
- Ladislau Batalha (1856-1939)
- *Lago*, de Filipe Santos
- Leopoldina (personagem) de *O Primo Basílio*
- *LES Online* (revista)
- Lídia Jorge (1946)
- Lígia Silva (1985)
- *Lilás* (revista)
- *Lisboa Galante*, de Fialho de Almeida
- Literatura de Sodoma (tema)
- Literatura para homens (tema)
- Livraria Aberta
- Luís de Camões (1524?-1580)
- *Luísa*, de Rabelais
- M. L. (pseud.)
- Manuela Amaral (1934-1995)
- *Margens de Mim*, de Lígia Silva
- *Maria Bettencourt*, de Henrique Levy
- Maria Peregrina de Sousa (1809-1894)
- *Maríniculas*, de Gregório de Matos
- *Masculina*, de Júlio Dantas
- *Metamorfose*, de Inês Marto
- Miguel Bonneville (1985)
- *Miss Ellen*, de Fialho de Almeida
- *Muda de Vida*, de António Variações
- *Museu das Janelas Verdes*, de João Miguel Fernandes Jorge
- *Na Rua do Volta Atrás* (poema), de Fernando Pessoa
- Narciso de Lacerda (1858-1913)
- *No Terraço*, de Henrique de Vasconcelos
- *Noivos do Mar*, de Henrique Levy
- *O Amante Japonês*, de Armando Silva Carvalho
- *O Amor das Fêmeas*, de Xavier de Carvalho
- *O Bispo de Beja e Afins*, organização de Fernando Curopos
- *O Cancro*, de Fialho de Almeida
- *O Capítulo Geral dos Franciscanos*, atribuído a José Anselmo Correia Rodrigues
- *O Cavalo de Sol*, de Teolinda Gersão
- *O Conde de Abranhos*, de Eça de Queirós
- *O Fim do Mundo!*, de Cézar Pensabundo
- *O Funâmbulo de Mármore*, de Fialho de Almeida
- *O Futuro É Só Amanhã*, de Miguel Agramonte
- *O Gorjão - Primeira Dama*, de Eça de Queirós
- *O Homem dos Sonhos*, de Mário de Sá-Carneiro
- *O Homem que Sabia a Mar*, de Armando Silva Carvalho

- *O País das Uvas*, de Fialho de Almeida
- *O Pauzinho do Matrimónio*, de Rafael Bordalo Pinheiro
- O Perdão da Puberdade, de Perry Nava
- *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós
- *O Rapaz da Camisola Verde*, de Pedro Homem de Mello
- *O Rapaz da Camisola Verde* (poema), de Pedro Homem de Mello
- *O Rapaz do Lilás*, de Henrique Levy
- *O Táxi n.º 9297*, de Reinaldo Ferreira
- *O Tentador*, de Henrique de Vasconcelos
- *O Triângulo Mágico*, de António Cândido Franco
- O velho vendedor (personagem) de *A Capital*
- *O Vírus-Cinema: Cinema Queer e VIH/sida*, organização de António Fernando Cascais e João Ferreira
- *Octávio*, de Vitoriano Feio Braga
- *Oito Mulheres e Meia*, de Hugo Vieira Costa
- *Órbita Gay Macho* (revista)
- *Organa* (revista)
- *Os Amantes e Outros Contos*, de David-Mourão Ferreira
- *Os Degenerados*, de Basílio Freire
- *Os Diários de C. C. Rausch*, de Miguel Bonneville
- *Os Homossexuais nos Livros de Eça de Queiroz*, de Alberto Pessoa
- *Os Jogos Lésbios ou Os Amores de Joaninha*, de Arsénio de Chatenay
- *Os Maias*, de Eça de Queirós
- *Os Mistérios do Asfondelo*, de Arsénio de Chatenay
- *Os Mistérios do Porto*, de Gervásio Lobato
- *Os Vestidos do Tiago*, de Joana Estrela
- *Palavras Bonitas sobre Contas*, de Valter Hugo Mãe e Cátia Vidinhas
- *Pão de Açúcar*, de Afonso Reis Cabral
- *Para Comigo*, de Joaquim Manuel Magalhães
- *Patologia Social* (série), de Abel Botelho
- *Pedro* (personagem)
- *Pedro Soriano*, de Guerra Junqueiro
- Pedro Vidal (1993)
- *Pepa*, de Maria Peregrina de Sousa
- Pessoa: uma biografia, de Richard Zenith
- Poemas do Próximo Livro, de Henrique Levy
- Poemas Eróticos dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses, de Victor Correia
- *Poesia*, de António Botto
- *Poesia Humana*, de Xavier de Carvalho
- Poesias sem Decência, de anónimo
- *Pompas Fúnebres*, de Eduardo Pitta
- *Povo Que Lavas no Rio*, de Pedro Homem de Mello
- Prémios *dezanove*: o melhor livro do ano
- Proezas de Frade ou Mistérios do Confessionário, de anónimo
- Quando os Medos Ardem, de Domingos Lobo
- *Queerquivo*, organização de André Murraças
- *Qüir* (revista)
- Rabelais (pseud.)
- Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)
- Raquel Afonso (1994)
- *Realidade Branca*, de Raul de Carvalho
- Reinaldo Ferreira (1897-1935)
- Reinaldo Edgar Ferreira (1922-1959)
- *Retrato do governador* (...), de Gregório de Matos
- Rodrigues (personagem) de *Sinais de Fogo*
- Romances sobre patologias sociais
- Rufininho (personagem) de *Sinais de Fogo*

Com esta edição, o *Dicionário de Literatura Gay - Livros, Autores e Referências da Literatura Lésbica, Gay, Bissexual, Transgénero e Queer de Portugal*, passa a contar com um total de 1016 verbetes principais.

MOSTRA

Contribua!

Um dicionário como este *Dicionário de Literatura Gay* estará sempre, por definição, desatualizado: novas obras são editadas ou (re)descobertas, novos autores se apresentam aos leitores, surgem novas editoras e livrarias, outras fecham e desaparecem.

É por isso que:

- se detetar alguma incorreção, omissão ou gralha,
- se souber de algum livro, autor ou referência que esteja em falta,
- se discordar de alguma citação sua e desejar que seja corrigida ou retirada,
- se desejar contribuir com textos ou outros conteúdos,

a sua contribuição será bem-vinda!

Escreva-nos com as suas contribuições para indexebooks.com@gmail.com.

Obrigado!

Mantenha-se informado!

Se desejar manter-se informado sobre atualizações e novas edições do *Dicionário de Literatura Gay* de Portugal:

- envie-nos um e-mail para indexebooks.com@gmail.com, indicando-nos o seu nome e endereço de e-mail, para o adicionarmos à nossa lista de distribuição de novidades do Dicionário, ou
- inscreva-se na lista de novidades, no nosso website, em www.indexebooks.com/lista-de-e-mail.

Os seus dados pessoais não serão partilhados com nenhuma outra entidade, exceto se tal for exigido legalmente, serão utilizados apenas para o envio de informações sobre novas edições da INDEX ebooks e serão eliminados definitivamente dos nossos sistemas de informação logo que o solicitar. Poderá cancelar a sua inscrição quando quiser, enviando-nos um e-mail para indexebooks.com@gmail.com.

A INDEX ebooks respeita e adere integralmente aos princípios e determinações do RGPD (Regulamento Geral para Proteção de Dados) relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados, Regulamento (UE) 2016/679 de 27 de abril de 2016.

AMOSTRA

A

A Alma Trocada

Romance.
Autor: **Rosa Lobato Faria**
1.ª edição: 2007
Páginas: 192
Editor: Edições Asa, Lisboa
Teófilo de Deus é concebido no mesmo dia em que o seu avô morre e suspeita que a sua alma não é sua, que lha trocaram, suspeita que se acentua quando é publicado um livro exatamente igual ao que ele escreveu.
"É um lugar-comum dizer-se que determinada orientação sexual não é uma escolha, porque, se fosse, ninguém escolheria o caminho mais difícil. Foi esse caminho mais difícil que Teófilo teve de percorrer, desde a incompatibilidade com os pais, aos desencontros dentro de si próprio, chegando mesmo a acreditar que alguém lhe tinha trocado a alma..." (da contracapa)
Outras edições:

- BIS: Lisboa, 2013, 176 p., livro de bolso

À Beira do Mundo

Romance, o último livro da trilogia *Pode um Desejo Imenso*.
Autor: **Frederico Lourenço**
1.ª edição: 2003
Páginas: 208
Editor: Livros Cotovia, Lisboa
Esta edição deixou de ser comercializada a partir de 2006, tendo passado a ser publicada apenas como uma das três partes do romance *Pode um Desejo Imenso*.
Consultar: *Pode um Desejo Imenso* (trilogia)

A Bela Condessa

Romance de literatura para homens, publicado na coleção *Literatura Picante*.
Autor: **anónimo**
Editor: Editor Cupido & Vénus, Rio de Janeiro
Fernando Curopos inclui uma fotografia que ilustra esta edição na sua antologia *Versos Fanchonos, Prosa Fressureira*, explicando que "ao que tudo indica, o verdadeiro lugar de edição é Lisboa."
Consultar: Literatura para homens (tema)
Bibliografia:

- Fernando Curopos, "Introdução" (*Versos Fanchonos, Prosa Fressureira: uma Antologia, 1860-1910*, Lisboa: INDEX ebooks, 2019)

AMOSTRA

A Canção do Engate (canção)

Poema e canção.
Autor: **António Variações**
1.ª edição: 1984 (no álbum *Dar & Receber*)
"Tu estás livre e eu estou livre / E há uma noite para passar / Porque não vamos unidos / Porque não vamos ficar / Na aventura dos sentidos // Tu estás só e eu mais só estou / Tu que tens o meu olhar / Tens a minha mão aberta / À espera de se fechar / Nessa tua mão deserta // Vem que amor não é o tempo / Nem é o tempo que o faz / Vem que amor é o momento / Em que eu me dou, em que te dás // Tu que buscas companhia / E eu que busco quem quiser / Ser o fim desta energia / Ser um corpo de prazer / Ser o fim de mais um dia // Tu continuas à espera / Do melhor que já não vem / E a esperança foi encontrada / Antes de ti por alguém / E eu sou melhor que nada // Vem que amor não é o tempo / Nem é o tempo que o faz / Vem que amor é o momento / Em que eu me dou, em que te dás."
Paulo Pepe refere que "dez anos depois do fim da ditadura de Salazar, a *Canção do Engate* apresenta-nos uma relação física entre dois homens, representativa da formação de uma identidade *queer* em Portugal."
João R. Figueiredo, realçando que "António Variações recebeu e transformou a herança de Botto como ninguém", concretiza, indicando que "na famosa *Canção do Engate* vê-se como a poesia portuguesa adquiriu vocabulário para dar expressão ao desejo homoerótico, reduzindo drasticamente a vagueza da linguagem figurada, e os meios expressivos já não excedendo os fins ao ponto de os asfixiar."
Bibliografia:

- Paulo Pires Pepe, "Queer Interventions in Amália Rodrigues e António Variações" (*Estrema: revista interdisciplinar de humanidades*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, n.º 2, primavera de 2013)
- João R. Figueiredo, "Cânone 3" (*O Cânone*, Lisboa: Tinta-da-China, 2020)

A Capital!

Romance.
Autor: **Eça de Queirós**
1.ª edição: 1925
Páginas: 304
Editor: Livraria Chardron, Porto
António Fernando Cascais explica que "a literatura realista e naturalista de Oitocentos que principia a retratar de maneira séria a pessoa homossexual, e que, esta sim, participa com plena propriedade na moderna «invenção do homossexual», não deixa de ser menos danosa. No mesmo ano de 1875 em que surge *O Berloque Vermelho*, Eça de Queirós delineia em (...) *A Capital!* (escrito circa 1877 e dada postumamente à estampa em 1925), a [figura] do velho depravado que tenta em vão engatar o protagonista. A linguagem empregue nestas descrições (...) mantém um caráter fortemente derrogatório que se propõe suscitar a repulsa do leitor coevo."
Consultar: O velho vendedor (personagem)
Bibliografia:

- António Fernando Cascais, "Apresentação de «O Berloque Vermelho» de Silva Pinto" (em: Silva Pinto, *O Berloque Vermelho*, Lisboa: INDEX ebooks, 2021)

AMOSTRA

A Chave do Armário

Não-ficção.
Autor: **Miguel Vale de Almeida**
1.ª edição: 2009
Páginas: 225
Editor: Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa
Este livro é o resultado de alguns anos de relação dinâmica entre antropologia, intervenção pública e ativismo. Debruçando-se sobre terrenos ocidentais – Portugal, Espanha, França e Estados Unidos da América – o objeto central é o casamento, a parentalidade e a família no que às pessoas homossexuais diz respeito. Na linguagem que foi sendo desenvolvida pelas formas culturais criadas pela experiência social da homossexualidade, o "armário" é a expressão que designa o ocultamento e o silenciamento da identidade gay ou lésbica. "Sair do armário" é o ato primordial de libertação, simultaneamente constitutivo do sujeito e politizador da identidade. Várias têm sido as "chaves" moldadas e experimentadas para abrir o armário: resistências, revoltas, provocações, festas, manifestações, comunidades, redes, movimentos, criações artísticas, etc. Mas nunca como hoje – pelo menos nas democracias liberais euro-americanas – se usou tanto o ideário da igualdade, dos direitos humanos e da cidadania para exigir as condições de possibilidade para o fim definitivo do "armário". O debate sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo torna-se assim central para uma ciência social que pretenda fazer a etnografia e a análise das transformações sociais contemporâneas. (fonte: editor)
Para Margarida Moz, "a chave deste armário, metáfora que remete para o segredo como forma de evitar as discriminações com base na orientação sexual, é também a chave para a compreensão das identidades LGBT, das suas reivindicações e da luta pela obtenção dos seus direitos, nomeadamente o acesso ao casamento civil e à constituição de família. Miguel Vale de Almeida começa por revelar a natureza deste livro ao dizer que ele resulta «de alguns anos de relação dinâmica entre antropologia, intervenção pública e ativismo.» Ao longo de sete capítulos vemos, de um modo mais ou menos óbvio, o autor na sua qualidade de antropólogo, deputado e ativista gay, mas mantendo também a distância possível entre os três, ao tratar o casamento entre pessoas do mesmo sexo na sua relação com os direitos humanos, as questões da cidadania e as teorias antropológicas do casamento e da família."
Bibliografia:

- Margarida Moz, "A Chave do Armário – Homossexualidade, Casamento, Família" (*Análise Social*, vol. XLVI, 2.º, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011)

A Chave do Labirinto

Ficção autobiográfica.
Autor: **Ricardo Sousa**
1.ª edição: 2007
Páginas: 89
Editor: Papiro, Porto
À pergunta do *dezanove.pt:* "os dois primeiros livros *A Chave do Labirinto* e *Calcorreando Percursos* são compilações de vários textos onde faz diversas reflexões pessoais e retrata momentos da sua vida. O que tinha em mente ao publicar estes textos?" o autor responde: "confesso que, antes de publicar o primeiro livro, vivi

momentos de pânico, querendo voltar atrás em todo o processo e desistir, com medo da reação das pessoas mais próximas ao lerem partes da minha vida e da de todas aquelas pessoas com quem convivia, acima de tudo, profissionalmente. Depois de um grande processo de aceitação da publicação do livro, percebi que estes livros faziam parte de mim e do meu processo de aceitação, ou seja, só colocando em palavras e partilhando com o mundo é que eu seria visto, escutado, compreendido e amado, pois tudo aquilo que eu tinha sido incapaz de dizer e partilhar pessoalmente estava ali, naqueles livros, naquelas memórias, naquelas histórias."

Bibliografia:

- Carlos Maia, "Ricardo Fonseca: «A escrita ajudou-me a aceitar como era»" (*dezanove.pt*, 28 de agosto de 2015)

A Cidade e as Serras

Romance.

Autor: **Eça de Queirós**

1.ª edição: 1901

Páginas: 307

Editor: Lello & Irmão, Porto

Numa manhã de um inverno frio e pessimista em Paris, o cosmopolita Jacinto decide regressar à sua Tormes natal, pacata vila das serras portuguesas, acompanhado por Zé Fernandes, narrador-personagem desta história. «Novela fantasista», assim lhe chamou Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras* faz um retrato dos contrastes entre a excitação da vida citadina e a genuína beleza da vida no campo. Escrita na fase final da vida do autor, esta obra viria a ser publicada apenas em 1901, um ano após a morte de Eça de Queiroz. (fonte: editor)

Fernando Curopos afirma que "a homossexualidade feminina só será muito ao de leve evocada por Eça de Queirós em *A Tragédia da Rua das Flores* (1877-78), *A Capital!* (1925, póstumo) e *A Cidade de as Serras* (1900), sendo que nesta novela o lesbianismo está associado à prostituição, como no caso de *O Livro de Alda* (1898), de Abel Botelho."

Em relação ao personagem Jacinto, José Carlos Barcellos refere que "em *A Cidade e as Serras* (...) temos a passagem de um estilo de vida efeminado a outro inequivocamente masculino como processo de regeneração pessoal e nacional".

Consultar: Eça de Queirós

Bibliografia:

- Fernando Curopos, "Introdução" (*Versos Fanchonos, Prosa Fressuriera: uma Antologia, 1860-1910*, Lisboa: INDEX ebooks, 2019)
- José Carlos Barcellos, "Homossociabilidade masculina e homoerotismo na ficção de Eça de Queirós" (*Literatura e Homoerotismo em Questão*, Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006)

A Confissão (peça de teatro)

Peça de teatro.

Autor: **Bernardo Santareno**

1.ª edição: 1979 (em *Os Marginais e a Revolução*)

Em *A Confissão*, Bernardo Santareno coloca perante um mesmo padre, num confessionário, três mulheres em sucessão: uma mulher do povo aflita, a quem o marido bate e atraiçoa, o que a leva a aproximar-se da sua patroa comunista, e a quem

AMOSTRA

o sacerdote apenas recomenda que aceite o marido e fuja do comunismo, rezando muito; Françoise, "uma mulher em corpo de homem", que a seguir ao 25 de Abril começou a fazer *shows* de travesti, e a quem o sacerdote ordena que deixe a homossexualidade, rezando muito; e D. Filipa, uma fervorosa devota... que não necessita de recomendações para rezar muito do sacerdote. Trata-se de uma sátira acutilante à hipocrisia da Igreja Católica.

Escrevendo sobre a segunda parte da peça, Paulo Pires Pepe indica que Françoise é "transgénero, mas também travesti. Françoise está à espera de mudar de sexo em Londres, tal como afirma «já tenho a operação marcada, em Londres». Vai à igreja confessar os seus pecados, após duas tentativas de suicídio, depois de ter sido deixada por Toni, o seu amante. Françoise confessa também que roubou uma peça de prata ao proprietário do clube onde trabalha como *drag queen*. Contudo, ao chegar [ao confessionário], hesita, porque era suposto sentar-se no lugar das mulheres, mas decide sentar-se no dos homens. Esta violação às *normas* do género irrita o padre (…) Este ato teatral de travestismo em *A Confissão* funciona como crítica ao pressuposto de que existe «um género certo, um género adequado a um sexo mas não ao outro, e que é, em certo sentido, propriedade cultural desse sexo» [Judith Butler]. (…) *A Confissão* propõe-se esbater a distinção entre o pessoal e o político, o homossexual recusa-se a ser fechado no armário, a peça mina a categoria do *normal* e questiona a rigidez e a estabilidade de todas as identidades sexuais."

Consultar: *Os Marginais e a Revolução*

Bibliografia:

- Paulo Pires Pepe, "Queerness in Bernardo Santareno's theatre" (*Via Atlântica* n.º 33, 11 de setembro de 2018, tradução nossa)

A Confissão de Lúcio (conto)

Conto.

Autor: **Mário de Sá-Carneiro**

1.ª edição: 1913 ou 1914

Editor: edição de autor (impressão da Tipografia do Comércio)

O conto inicia-se com uma breve introdução em que o narrador, Lúcio, assumindo-se como autor, justifica o seu objetivo: confessar-se inocente após ter cumprido os dez anos de prisão a que fora condenado pelo assassínio do seu amigo Ricardo de Loureiro. O narrador promete dizer toda a verdade, "mesmo quando ela é inverosímil", sobre essa morte ocorrida em circunstâncias misteriosas e sem testemunhas, mas considerada, judicialmente, um "crime passional".

Fernando Curopos conclui que "se *A Confissão de Lúcio* não é o primeiro romance a tratar da homossexualidade em língua portuguesa, é o primeiro a mostrar a homofobia interiorizada e o ódio por si próprio que lhe é concomitante. Com efeito, como aponta Fernando Arenas, «Marta é necessária para manter a aparência de um desejo heterossexual e identidade de género estáveis»; para permitir ao desejo homossexual existir num universo heteronormativo e homofóbico tem que passar pelo «outro sexual», a mulher. Contudo, essa relação e o desejo fora da norma nunca são assumidos por Lúcio, que tenta assim preservar a sua identidade de género e sexual, sem no entanto preservar a sua integridade psíquica. Se, no início da novela, recupera a liberdade, continua na sua prisão íntima: a heterossexualidade obrigatória."

Ana Luísa Amaral salienta que "Sá-Carneiro não foi, decerto, imune a certos estereótipos, sobretudo os que dizem respeito ao *feminino*. (...) Esta imagem

estereotipada de feminilidade parece contaminar a caracterização de muitas das figuras masculinas criadas por Sá-Carneiro, dotando-as de traços ditos *efeminados*. Ao leque de sexualidades que os seus sujeitos expõem, os mecanismos reguladores não podiam obviamente ser alheios e, assim, é inevitável que, na sua obra, se detete, em pano de fundo, uma reação ao modelo que organizava o pensamento dos inícios do século XX: o identitário. A consciência do desvio existe agudamente nas vozes que falam os textos de Sá-Carneiro e os exemplos são numerosos. Um dos mais expressivos encontra-se em *A Confissão de Lúcio*, quando Ricardo diz a Lúcio: «Ai como eu sofri... [...] eu queria vibrar esse teu afeto [...] e era-me impossível!... Só se te beijasse, se te enlaçasse, se te possuísse... [...] mas como possuir uma criatura do nosso sexo?»".
Segundo Eduardo Pitta, "*A Confissão de Lúcio* (…) é a narrativa que «para todos os efeitos» faz arrancar «o cânone contemporâneo, português e homossexual»".

Outras edições:

- Lisboa: Ática, 1945
- Porto: Anagrama, 1982
- Mem-Martins: Europa-América, 1985
- Porto: Justiça e Paz, 1988
- Lisboa: Europa-América, 1998
- Aveiro: Estante, 1989
- Ediouro, 2002
- Brasil: Moderna, 1996
- Lisboa: Assírio & Alvim, 2004
- Brasil: Martin-Claret, 2006
- Lisboa, Leya, 2009, livro de bolso
- Lisboa: Bertrand, 2011
- Centaur, 2012, edição e-book
- Maison, 2013, edição e-book
- Vercial, 2013, edição e-book
- Projeto Adamastor, 2013, edição e-book

Traduções:

- *La Confession de Lucio* (La Différence, 1987, francês)
- *La Confessione di Lucio* (Palermo: Sellerio, 1987, italiano)
- *Lucio's Confession* (Dedalus, 1993 inglês)
- *Lucios Bekenntnis* (Suhrkamp Verlag, 1997 alemão)
- *Lucios Geständnis* (Munique: dtv, 1997 alemão)
- *La confesión de Lucio* (Trotta, 2003 castelhano)
- *La confesión de Lucio* (Menoscuarto, 2008, castelhano)

Bibliografia:

- Fernando Curopos, "O «inter-dito» de «A Confissão de Lúcio»" (*Telhados de Vidro*, Lisboa, n.º 19, 2014)
- Ana Luísa Amaral, "«Durmo o Crepúsculo»: lendo a poética de Mário de Sá-Carneiro – a partir das teorias contemporâneas sobre as sexualidades" (*Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*, Rio de Janeiro: 7Letras, 2008)
- Eduardo Pitta, *Fractura, a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea* (Coimbra: Angelus Novus, 2003)

AMOSTRA

A Corja

Novela.
Autor: **Camilo Castelo Branco**
1.ª edição: 1880
Editor: Livraria Chardron de Lello & Irmão, Porto
A Corja conta-nos a história do padre Justino e da família de Eusébio Macário, personagens que servem de crítica aos costumes da época de Camilo, um dos grandes autores do século XIX. Narrada em tom irónico e subjetivo, este romance reflete um narrador ora presente ora ausente, que recria com mestria a sociedade de então e através dela traz-nos temas como o amor clandestino e proibido e a rutura social. (fonte: editor)
António Fernando Cascais considera que "a breve insinuação que Camilo Castelo-Branco faz sobre a vida sexual de uma personagem secundária de *A Corja* (1880) parece bem mais complacente, mas Fialho de Almeida volta a ser pouco empático nos contos *A Verruga*, *Miss Ellen* (1890) e *O Funâmbulo de Mármore* (1881), e menos ainda na descrição do ambiente crepuscular do engate masculino em Lisboa no conto *De Noite* (1890), em contraste com as suas exaltantes descrições da beleza masculina noutras obras, que antecipam as muito posteriores de Manuel Teixeira Gomes."
Bibliografia:

- António Fernando Cascais, "Apresentação de «O Berloque Vermelho» de Silva Pinto" (*O Berloque Vermelho*, Lisboa: INDEX ebooks, 2021)

A Costa dos Murmúrios

Romance.
Autor: **Lídia Jorge**
1.ª edição: 1988
Páginas: 259
Editor: Dom Quixote, Lisboa
Um dos romances mais célebres sobre a ocupação portuguesa em Moçambique, *A Costa dos Murmúrios* questiona com ironia todas as verdades absolutas fixadas pelos discursos oficiais. Lídia Jorge desconstrói e anula tanto as versões que se teceram sobre este importante momento da história de Portugal quanto a própria língua; subverte palavras, e com um poderoso sentido poético desvia-se da narração para criar formas e quadros compostos de sugestões e traços inventados. (fonte: editor)
Uma das personagens do romance, Helena, uma mulher muito bela, é vítima de violência doméstica e acaba por se envolver emocionalmente com Evita, uma intelectual.
Consultar: Helena (personagem)

A Duração dos Crepúsculos

Biografia romanceada de Virgínia de Castro Almeida.
Autor: **Filomena Marona Beja**
1.ª edição: 2006
Páginas: 200
Editor: Dom Quixote, Lisboa
Um romance inspirado numa história real. A história de Virgínia de Castro Henriques, conhecida autora de livros juvenis do início do século XX (Dona Redonda) e da sua relação amorosa com a inglesa Pamela Boden. Esta história, altamente polémica nesse

tempo, cruza-se com a escrita de um romance sobre Pedro Nunes e o seu estudo sobre a duração dos crepúsculos. (fonte: editor)
Para Fernando Curopos, "com o romance *A Duração dos Crepúsculos*, estamos perante o que o crítico Brian McHale qualificou de *história apócrifa* dentro da ficção pós-moderna; pois, Filomena Marona procura reler alguns dados biográficos e históricos para reinterpretá-los a fim de desmistificar a versão ortodoxa do passado. Com efeito, da vida da escritora Virgínia de Castro Almeida, só sabemos a versão ortodoxa, isto é, heteronormativa."
Consultar: Virgínia de Castro Almeida
Bibliografia:

- Fernando Curopos, "Filomena Marona Beja e «os silêncios da história»" (*Sigila*, n.º 29, 2012)

A Elipse (conto)

Conto.
Autor: **Henrique de Vasconcelos**
1.ª edição: 1897 (em *A Mentira Vital*)
António Fernando Cascais refere que "*A Mentira Vital*, [está] todo ele recheado de contos [incluindo *A Elipse*] (...) sumamente sugestivos do ponto de vista *queer*."
Bibliografia:

- António Fernando Cascais, "Apresentação de «O Berloque Vermelho» de Silva Pinto" (*O Berloque Vermelho*, Lisboa: INDEX ebooks, 2021)

A Engomadeira

A Engomadeira: novela vulgar lisboeta.
Novela.
Autor: **Almada Negreiros**
1.ª edição: 1917
Páginas: 30
Editor: edição de autor
Redigida em 1915, *A Engomadeira* retrata uma jovem empregada de uma engomadoria, muito ingénua, que a mãe deixa à mercê de um burguês casado, o Sr. Barbosa. No quarto onde o Sr. Barbosa a instala, recebe amantes, clientes, varinas, um anão deformado e outros.
Ellen Sapega considera que "o que não há dúvida é que da feliz associação das ironias implícitas na sociedade retratada com as exigências narrativas da fragmentação intersecionista da experiência nascem, em *A Engomadeira*, algumas das imagens e personagens mais perduráveis da obra almadiana."
Outras edições:

- Lisboa: Rolim,1986, 64 p., prefácio de Eduardo Prado Coelho
- Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, em *Obras Completas de Almada Negreiros*, vol. IV
- Colares: Colares Editora, 1993, 64 p.

Tradução:

- *La Repasseuse: Nouvelle Ordinaire Lisboéte* (Paris: La Differénce, 1988, 86 p., francês, tradução Anne-Marie Quint)

Bibliografia:

- Ellen W. Sapega , "Contos e novelas de Almada Negreiros: testemunho de uma evolução estética" (*Colóquio|Letras* n.º 117/118, Calouste Gulbenkian, set-1990)

A Família Luxúria

Romance de literatura para homens.
Autor: **Fra Angélico** (pseudónimo)
1.ª edição: 189-?
Páginas: 82
Editor: Editora Cupido & Cia, s.l., Lisboa
Fernando Curopos utiliza um trecho de *A Família Luxúria* para ilustrar a sua afirmação de que "sendo a literatura erótica e pornográfica um género direcionado para o público masculino, rotulada na época de *leitura para homens*, escusado será dizer que as cenas de sexo entre mulheres tornam-se quase obrigatórias, atingindo às vezes um grau de obscenidade a roçar o escatológico, mais comum na literatura satírica: "«Estás ainda me… (sic) amor?» exclamou Brunhilda beijando muito a amiga e sugando-lhe os rosados mamilos. «Vou lavar-me filha», respondeu a gentil Violeta. «Com as tuas luxúrias no teatro vim-me duas vezes e estou com as bordinhas e as pernas cheias de leite.» «Ai meu anjo», respondeu Brunhilda muito excitada. «E eu que direi? Quando senti a tua língua na minha boca, no intervalo do segundo ato, veio-me uma esporradela de tal ordem que me correu pelas pernas abaixo até às ligas!»"
Consultar: Literatura para homens (tema)
Bibliografia:

- Fernando Curopos, "Introdução" (*Versos Fanchonos, Prosa Fressuriera: uma Antologia, 1860-1910*, Lisboa: INDEX ebooks, 2019)

A Formosa Pintura do Mundo

Contos.
Autor: **Frederico Lourenço**
1.ª edição: 2005
Páginas: 230
Editor: Livros Cotovia, Lisboa
A Formosa Pintura do Mundo é uma sequência de ficções interligadas sobre a pintura, a música e o desejo, onde se cruzam figuras históricas (Camões, Voltaire) com personagens da imaginação do autor. Central neste livro é a noção de Arcádia, a paisagem imaginária por excelência. Em pano de fundo, paisagens do mundo real: Sintra, as lonjuras do Alentejo e de Trás-os-Montes a magia urbana de Lisboa, Porto e Roma. (fonte: editor)
Tito Couto considera que "para muitos, Frederico Lourenço não passará de uma nota apensa à tradução da *Odisseia* e da *Ilíada*. Para outros, bem menos, é o responsável pelo contacto com o mundo grego, com as narrativas fundadoras, com os heróis, com as viagens. Mas há ainda o Frederico Lourenço original e singular. Há o tradutor do desejo, o navegador dos impulsos do corpo, o poeta de uma Laura contemporânea. Frederico é o escritor de vidas solitárias, de amores e desejos impossíveis. *A Formosa Pintura do Mundo* é um conjunto de painéis sobre o encantamento pelo outro. Tal como Petrarca amava a sua Laura inatingível, também os homens e mulheres destes e outros tempos repetem essa devoção sem medida. Para aqueles que não conheceram o amor, as narrativas de Frederico Lourenço não passam de curtas tragédias de gente inconsolável. Para os que foram atingidos na medula da alma, estas são as únicas histórias que contam. Porque *amar acaba*, no exato momento em que o desejo se cumpre."
Bibliografia:

- Tito Couto, "O desejo" (*Entre Pedras, Palavras*, 1 de agosto de 2005)

AMOSTRA

A Gorda

Romance.
Autor: **Isabela Figueiredo**
1.ª edição: 2016
Páginas: 288
Editor: Caminho, Lisboa
Prémios: Prémio Literário Urbano Tavares Rodrigues, 2017
Maria Luísa, a heroína deste romance, é uma bela rapariga, inteligente, boa aluna, voluntariosa e com uma forte personalidade. Mas é gorda. E isto, esta característica física, incomoda-a de tal modo que coloca tudo o resto em causa. Na adolescência, sofre e aguenta em silêncio as piadas e os insultos dos colegas, fica esquecida, ao lado da mais feia das suas colegas, no baile dos finalistas do colégio. Mas não desiste, não se verga, e vai em frente, gorda, à procura de uma vida que valha a pena viver.
Bruno Mazolini de Barros refere que "ao longo do texto, as relações com os pais, com a amiga da adolescência Tony, com o ex-namorado David, com o amigo homossexual Leonel e, principalmente, consigo mesma – suas emoções, sonhos, frustrações e seu corpo –, todas elas são reconstruídas não linearmente, e um vislumbre delas, seu anúncio, aparecem no primeiro capítulo, «Porta de entrada»."
Consultar: Leonel (personagem)
Bibliografia:

- Bruno Mazolini de Barros, "Uma mulher, uma casa, um país: «A Gorda», de Isabel Figueiredo" (*Via Atlântica*, n.º 33, Univ. São Paulo, 11-set-2018)

A Grã-Canária (conto)

Conto.
Autor: **Jorge de Sena**
1.ª edição: 1976 (em *Os Grão-Capitães*)
Editor: Edições 70, Lisboa
Os cadetes acordam estremunhados nas camaratas, ao som do clarim. O navio vai dar entrada no porto de Las Palmas da Grã-Canária. O comandante quer apresentar-se impecável, em representação de Portugal, face a uma Espanha mergulhada em guerra civil, e na sua voz de falsete ordena: "a ordem é: lavar o navio, lavar as ventas e lavar a roupa." Bem recebidos pelas autoridades locais, onde se misturam as sotainas negras dos padres e os "Arriba España" franquistas de braço erguido, os oficiais e cadetes são levados para um almoço demorado na encosta da montanha. Ao anoitecer, ainda enjoados do banquete, mas por fim livres, procuram alívio para outra sede maior, a do desejo sexual acumulado pela longa travessia marítima. A passagem de Jorge de Sena pela Marinha de Guerra, de onde foi excluído após uma viagem no navio-escola Sagres, parece ter servido ao autor de inspiração para este conto. As razões para a exclusão nunca foram esclarecidas: Mécia de Sena considera que foram de natureza política, enquanto Arnaldo Saraiva indica a falta de destreza física e militar, embora referindo que em Lisboa corriam "boatos" sobre a suposta homossexualidade do autor. Para Hélder Macedo, "ao nível do seu realismo imediato, a novela conta uma história brutal de marinheiros e de prostitutas. Mas, entendido o seu realismo no plano da imaginação, é uma fábula moral, uma parábola poética sobre a redenção do mal através do amor."
Eduardo Pitta considera que *A Grã-Canária* relata a viagem feita por Sena, como cadete, entre outubro de 1937 e fevereiro de 1938, no navio-escola Sagres. O seu ingresso na Marinha de Guerra seria gorado, alegadamente devido a perfil inadequado

para oficial, facto lembrado por Arnaldo Saraiva em 1982, originando acesa polémica centrada na questão homossexual. Verdade que o conto permite todas as conjeturas, como o próprio Sena fez notar: «no plano da insinuação torpe, ou virtuosa […] será possível adivinhar, de olho guloso, muita coisa nestas páginas.» Conto admirável, com passagens sem equivalente na nossa ficção, tais como, entre outras, o episódio do bordel de Las Palmas e uma ambígua cena de *wrestling* entre cadetes: «o outro, com as calças deitadas abaixo e enrodilhadas nos pés, as mãos amarradas…» Indispensável."

Consultar: *Os Grão-Capitães*

Outras edições:

- Lisboa: Mécia de Sena e Parque Expo98, 1997

Bibliografia:

- Arnaldo Saraiva, "Sinais de Fogo" (*Ideias & Debates*, *Expresso*, 10-ago-2013)
- Hélder Macedo, "Jorge de Sena, a Grã-Canária e a Ilha do Amor" (*Quaderni Portoghesi*, n.º 13-14, Pisa, 1983, e em *Trinta Leituras*, Lisboa: Presença, 2007)
- Eduardo Pitta, "Jorge de Sena" (*Da Literatura*, 14-jul-2016)

A Grafonola (conto)

Conto.

Autor: **Álamo Oliveira**

1.ª edição: 1991 (em *Contos com Desconto*)

Editor: Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo

Segundo Mónica Serpa Cabral, "no conto *A Grafonola*, de *Contos com Desconto* (1991), ao ridicularizar uma aristocracia vencida e orgulhosamente hipócrita, Álamo Oliveira apresenta uma caricatura do filho bastardo que acaba por «amaricar» apesar dos esforços do pai, que o leva a frequentar as «aulas da vida» com prostitutas. Torna-se evidente que a personagem não possui qualquer densidade psicológica e que serve apenas a crítica social e moral, ajudando a compor um meio decadente, no tempo da ditadura salazarista, comandado pelo preconceito e pelo culto das aparências."

Excerto:

O Visconde de San-Pedro contratou então Serafim Caipora – chuleco bonzão que parasitava pela Rua dos Canos Verdes – para acompanhar o Jesezinho às aulas da vida. Pagava-lhe consoante o contratado, um salário digno de preservar segredo. Três vezes por semana o Jesezinho tinha aulas de dança com a Guidinha das Rendas; outras duas, aulas de cama com a Zira Chuchona; e uma de prelúdios e devaneios eróticos com a Luísa Gorda. (…) *Malgré tout*, o Jesezinho amaricou.

Consultar: *Contos com Desconto*

Bibliografia:

- Mónica Serpa Cabral, "O conflito interior em «Até Hoje (Memórias de Cão)», de Álamo Oliveira" (*Forma Breve* n.º 7, Univ. Aveiro, 2009)

A História da Aranha Leopoldina

Livro infantil.

Autor: **Ana Luísa Amaral** (texto) e **Elsa Navarro** (ilustrações)

1.ª edição: 2000

Editor: Campo das Letras, Lisboa

Esta é a aranha Leopoldina; é «simpática e gordinha» como a maioria das aranhas, mas em vez de tecer teias, como é seu dever, prefere fazer meias com as patas (também gosta mais de comer folhas e sementes em vez de moscas, mas já deves ter percebido

que é um bicho invulgar…). A mãe e as amigas zangam-se muito por causa desta preferência, mas ela teima e consegue acabar uma meia que vai fazendo à noite, quando não tem de trabalhar, e o resultado a todos surpreende. Vem conhecê-la e aos bichos seus amigos, numa história cheia de poesia e cor. (fonte: editor)
Ana Margarida Ramos refere que se trata de "um texto que questiona os *papéis* socialmente fixados e pré-estabelecidos, pondo em ação uma personagem-heroína que contraria as regras sociais e familiares e assume publicamente a sua diferença, conhecendo a rejeição por parte de todos, incluindo a família. A intriga resolve-se de forma positiva pela aceitação da diferença da protagonista, que acaba por ser valorizada e exaltada."

Outras edições:

- Civilização Editora, 2010, ilustrações de Raquel Pinheiro e CD com as canções originais e o texto integral da peça, contado por Rosa Quiroga

Bibliografia:

- Ana Margarida Ramos, "Saindo do Armário – Literatura para a Infância e a reescrita da homossexualidade" (*Forma Breve*, n.º 7, Univ. Aveiro, 2009)

A Homossexualidade no Mundo

Não-ficção.
Autor: **Júlio Gomes**
1.ª edição: 1979-1981
Páginas: 213 (em 2 volumes)
Editor: edição de autor, Lisboa
Compilação de informação sobre homossexualidade, incluindo legislação, locais, tradições e outros aspetos, organizada por país. Na capa avisa-se: «não pornográfico mas pode melindrar professantes da moral sexual conservadora» e apresenta-se um resumo do seu conteúdo: «Confissões íntimas. É a homossexualidade uma doença? Porque são sentidos transtornos psíquicos? O que dificulta a autoaceitação? Legislação portuguesa antiga e atual. Celebridades: D. Pedro I, D. Afonso de Albuquerque, D. Afonso VI, Conde de Vila Franca, Senhor de Atalaia e outros. Prostituição masculina: porquê e como; suas diferenças da feminina. Criminalidade: porquê e como; precauções contra meliantes. Vida laboral; tema pouco focado na literatura mundial.»

A Ilustre Casa de Ramires

Romance.
Autor: **Eça de Queirós**
1.ª edição: 1900
Páginas: 543
Editor: Livraria Chardron, Porto
No seu esclarecedor artigo, Fernando Curopos refere que "Gonçalo não é o herói decadente com o «coração mole, ou degenerado» para o qual o narrador nos preparava, o último representante de uma ilustre casa que parecia querer extinguir-se: «Acaba agora… Pois, se eu não caso!» A ironia do autor fustiga desse modo, através desse herói ambíguo, toda a literatura decadente na qual os homens se tornam seres fracos e abúlicos, efeminam-se, para afinal mostrar uma identidade masculina em crise. Se o «fidalgo da Torre» consegue «virilizar-se», nada está perdido; o fim do século não será o fim do mundo: *A Ilustre Casa de Ramires*, que nasceu antes da nação, não se extinguirá. O romance acaba em aberto para deixar o leitor imaginar o casamento do

herói com Rosinha: «Parece que já há entre eles um conhecimento antigo […] e que, desde anos, o destino os anda sorrateiramente chegando.» Gonçalo entra definitivamente nos códigos fixados pela «doxa». À sua identidade de género corresponde uma identidade sexual normativa: a heterossexualidade. Tudo entra na ordem ideológica e «a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amorável, pode sossegar, o seu ilustre representante não é um herói fim-de-século."

Também Kathryn Bishop-Sanchez refere que "em contraste com a ascensão de Gonçalo à coragem e virilidade (e ao seu subsequente sucesso político), há um episódio no romance que parece entrar em conflito com o seu projeto, nomeadamente, a nomeação de um colega efeminado para um cargo público. Emblematicamente, é através das observações de João Gouveia, considerado o carácter politicamente mais imparcial do romance, que Eça inclui comentários sobre a política heteronormativa e dominada pelos homens da sua época. Numa breve mas significativa passagem, Eça concentra-se na nomeação de um dos antigos colegas do grupo de Coimbra, António Moreno (a quem o grupo costumava chamar "Antoninha Morena"), para o cargo de Governador Civil. Gonçalo e os seus amigos veem esta nomeação como «uma derradeira degradação» dada a propensão de António Moreno para se vestir de mulher. (...) Este pequeno episódio (...) reitera as fortes tendências masculinistas da política portuguesa. Paradoxalmente, António Moreno consegue um avanço político antes de Gonçalo, um facto que põe em causa a ligação que os protagonistas estabelecem entre heteronormatividade, masculinidade, cargos públicos e poder."

Consultar:

- António Moreno (personagem)
- Eça de Queirós

Bibliografia:

- Fernando Curopos, "Gonçalo Mendes Ramires ou a Masculinidade em Crise" (*Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa: INCM, 2015)
- Kathryn Bishop-Sanchez, "Writing the Nation: Re-thinking the Masculinist Project in Eça de Queirós's «Ilustre casa de Ramires»" (*Journal of Lusophone Studies* 3.1, primavera de 2018, tradução nossa)

A Inércia da Deserção

Poesia.

Autor: **Luís Miguel Nava**

1.ª edição: 1981

Páginas: 34

Editor: &etc, Lisboa

Sinei Ferreira Sales, defendendo que a crítica literária [até quase ao final do séc. XX] apagou as referências homoeróticas da literatura portuguesa, recusando-se a discuti-las aprofundadamente, afirma: "Isabel Margarida Duarte (1983), na recensão crítica sobre o livro, destaca a sintética cadeia de palavras a compor os poemas já vislumbrados no livro anterior, que dá sinais de continuidade a um projeto artístico bem delimitado: memória, mar, coração, espelho, rapaz, sorriso e pele. A ensaísta enfatiza também o fato de o livro ser dividido em duas partes: a primeira, nomeada *Onde à nudez* (na qual se exploram os corpos dos rapazes que são tão caros ao enunciador poemático); a segunda, representada por um longo poema que se desdobra

em estrofes de formas variadas e encerra-se numa espécie de reflexão, exercício *hypomnemático* do poeta."

Bibliografia:

- Sinei Ferreira Sales, "Desentranhando desejos e identidades: uma leitura queer de Luís Miguel Nava" (Universidade de São Paulo, 2015, dissertação)
- Isabel Margarida Duarte, "A Inércia da Deserção, de Luís Miguel Nava" (*Colóquio|Letras* n.º 72, Fundação Calouste Gulbenkian, março de 1983)

A Inversão Sexual

A Inversão Sexual: estudos médico-sociais.
Dissertação inaugural apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1895.
Autor: **Adelino Pereira da Silva**
1.ª edição: 1896
Páginas: 322
Editor: Tipografia Gutenberg, Porto

Com a publicação de *A Inversão Sexual*, em 1895, Adelino Pereira da Silva foi pioneiro em Portugal no estudo da homossexualidade. O tema, mais precisamente, a pederastia, já havia sido abordado no romance de Abel Botelho, *O Barão de Lavos*, de 1891, mas seria só em 1902 que Egas Moniz lhe daria tratamento científico, dedicando à homossexualidade um capítulo de *A Vida Sexual*, obra que se manteria canónica durante muitos anos, com sucessivas reedições. Como Adelino Pereira da Silva refere: "É pois com este fim que escrevemos. Em Portugal, nada havia ainda feito sobre o assunto, seduziu-nos a novidade e a precisão de um estudo assim; fomos ousados e tentámo-lo. Sirva-nos a ousadia para encobrir a incompetência." Mas Adelino Pereira da Silva revelou-se ousado também pela coragem que demonstrou ao abordar publicamente um assunto que, à época, era um enorme tabu. Ele mesmo tem consciência disso ao referir: "poderão chamar-nos imorais por pormos a nu tantas feridas gangrenosas, mas se a imoralidade é isto, se quem condena os podres da sociedade, fornecendo meios para purificá-la, se pode considerar um imoral, bendita imoralidade!" (fonte: editor)

Anna Klobucka indica que "a dissertação de Adelino da Silva, *A Inversão Sexual*, apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1885, mas publicada apenas em 1886, foi o primeiro estudo em Portugal [sobre homossexualidade], seguido em 1901 por *A Vida Sexual*, de Egas Moniz".

António Fernando Cascais explica que "Westphal está na origem de uma prolongada caraterização da homossexualidade essencialmente como inversão sexual, e é esta última ideia que prevalecerá no contexto nacional a partir da obra pioneira com esse título publicada em 1896 pelo médico Adelino Silva."

Consultar: *Scientia sexualis* portuguesa (tema)

Outras edições:

- Lisboa: INDEX ebooks, 2014, 210 p.

Bibliografia:

- Anna M. Klobucka, "Wily homosexuals: notes on the circulation of queerness and homophobia in the Luso-Brazilian nineteenth century" (*Gendering the Portuguese-Speaking World: From the Middle Ages to the Present*, Boston: Brill, 2021)
- António Fernando Cascais, "Apresentação de «O Berloque Vermelho» de Silva Pinto" (*O Berloque Vermelho*, Lisboa: INDEX ebooks, 2021)

A Janela de Naná (poema)

Poema.
Autor: **Gomes Leal**
1.ª edição: 1899 (em *Fim de Um Mundo*)
À janela de Naná passam, entre outros, políticos, bacharéis, ciclistas, machas-fêmeas, amaricados e *cocottes*. Entre as estrofes do poema, incluem-se *As Machas-Fêmeas* ("*Nini* passa a sorrir, lábios cor de cereja, / vestida de vareja, / viciosa e franzina, ar de lírio na lama. / Nisto, passa *Sarah*, mais do que masculina, / e a galdéria franzina / chispa, do olho glauco, uma lasciva chama!") e *Os Amaricados* ("Passam, ao anoitecer, magros como funâmbulos, / equívocos noctâmbulos, / derreando os quadris, com dengosas maneiras. / Têm a bacia larga e na garganta harpejos, / e os seus ricos desejos / – seriam passear de brincos e pulseiras").
Fernando Curopos refere que "na viragem do século [XIX para o século XX] (...) as lésbicas continuam sobretudo a ser objeto de discurso e fantasias masculinas: «Nini passa a sorrir, lábios cor de cereja, / Vestida de vareja, / Viciosa e franzina, ar de lírio na lama. / Nisto, passa Sara, mais do que masculina, / E a galdéria franzina / Chispa, do olho glauco, uma lasciva chama.»"
Consultar: *Fim de Um Mundo*
Bibliografia:

- Fernando Curopos, "Safo fim de século: lesboerotismo na poesia finissecular portuguesa" (*O Feminino e o Moderno*, Lisboa: CLEPUL, 2017, organização de Ana Luísa Vilela, Fabio Mario da Silva e Maria Lúcia Dal Farra)

A Lei do Desejo

A Lei do Desejo: direitos humanos e minorias sexuais em Portugal.
Não-ficção.
Autor: **Ana Cristina Santos**
1.ª edição: 2005
Páginas: 203
Editor: Edições Afrontamento, Porto
Num tempo de crescentes globalizações, a cidadania sexual assume novos e estimulantes contornos. Hoje, a cidadania alia-se à justiça como fonte de reconhecimento da dignidade humana e da identidade de género. No entendimento das principais instituições europeias, os direitos das minorias sexuais são direitos humanos. Partindo desta constatação, a autora examina o percurso do movimento lésbico, gay, bissexual e transgénero português à luz das suas práticas e discursos num Estado membro da União Europeia, do Conselho Europeu e da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa. O argumentário dos direitos humanos permite averiguar o modo como uma agenda transnacional suporta lutas que são fortemente condicionadas pelo contexto sociojurídico de um país. Neste sentido, o movimento pela defesa dos direitos humanos das minorias sexuais em Portugal remete-nos para uma realidade complexa, heterogénea e fluida, onde o respeito pela dignidade do ser humano em toda a sua diversidade permanece um objetivo, mais do que uma aquisição. (fonte: contracapa)
Segundo a recensão de Madalena Duarte, "a obra, escrita de uma forma clara, serena e cativante, não só fornece uma base teórica importante sobre o movimento LGBT na sua vertente mais pública e politizada, como também obriga a pensar a lei, aqui abraçada aos direitos humanos, numa perspetiva progressista e de promoção da

cidadania. É neste cruzamento entre direitos humanos, direitos sexuais e movimento LGBT que o texto se assume como uma obra importante no mapeamento dos movimentos sociais em Portugal e, por inércia, dos desejos de mudança que os inspiram."

Bibliografia:

- Madalena Duarte (Revista *Crítica das Ciências Sociais*, n.º 72)

A Linguagem da Desordem

Poesia.
Autor: **Eduardo Pitta**
1.ª edição: 1983
Páginas: 43
Editor: Imprensa Nacional, Lisboa
Eugénio Lisboa considera que "há também, neste «mundo fechado num homem», que é a poesia, segundo V. Hugo, há, neste mundo, espaço (compensação? redenção?) para o «verde de excessos», para o rosto de Antínoo, para a «cal impetuosa» das ilhas gregas, para o «vinho nomeado», para a «ternura a levedar / na polpa dos meus dedos», para «os dentes nas espáduas» – «veredas percorridas pelo fogo». Para a «vontade desatinada», em suma. Para uma certa forma de desordem (…) «Uma das principais tarefas da imaginação é criar uma ilusão de ordem». Ou, nas luminosas palavras de Gide, «as coisas mais belas são aquelas que a loucura sopra e que a razão escreve». É o que faz o fascínio permanente e intenso da escrita poética de Eduardo Pitta".

Bibliografia:

- Eugénio Lisboa, "Eduardo Pitta, A Linguagem da Desordem" (*Colóquio|Letras* n.º 83, Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro de 1985)

A Mãe de Todas as Histórias

Poesia.
Autor: **José António Almeida**
1.ª edição: 2008
Páginas: 96
Editor: Averna, Lisboa
Para José Mário Silva, "nos 71 poemas do volume, há dois eixos temáticos principais. Um é a expressão do amor homossexual, com os seus arroubos, engates fugazes, desilusões, simbolismos (o mito de Ganimedes), rostos lembrados muitos anos depois e jogos de sedução que percorrem o espectro completo: da inocência à perversidade. Isto sem esquecer as «proibições de sempre», refletidas no olhar dos outros (…) O outro eixo, mais lírico, tem como objeto a família enquanto espaço da memória, num tempo tingido por fúnebre melancolia. Evoca-se tanto o pai «mirrado no caixão, antes do chumbo», como um tio que legou a fúria de «rabiscar papéis» ou esse Alentejo em que as oliveiras são o «único argumento da existência»".

Bibliografia:

- José Mário Silva, "Na Margem de Poucos Versos" (*Bibliotecário de Babel*, 6 de agosto de 2008)

A Máquina do Arcanjo

Romance.
Autor: **Frederico Lourenço**
1.ª edição: 2006
Páginas: 96
Editor: Livros Cotovia, Lisboa
Em *A Máquina do Arcanjo*, Frederico Lourenço prossegue a narrativa semiautobiográfica iniciada em *Amar Não Acaba*. O jovem narrador vê-se agora a braços com um amor de caixão à cova e com o processo doloroso que o transformaria de músico em helenista. (fonte: editor)
Segundo a recensão de Edgard Pereira, "«Todas as cartas de amor são ridículas». Escreveu Fernando Pessoa. O desdobramento paródico seria: todos os relatos de amor, se não se abrem para nenhuma transcendência ou utopia, são ridículos. Inclusive os relatos de amor gay, alguns totalmente ridículos. O livro de Frederico Lourenço, *A Máquina do Arcanjo*, não foge à regra, com um aditivo compulsório, neste caso: trata-se de um relato lucidamente ridículo, além de austeramente asséptico em relação às cenas de sexo. Inexistem. (…) Em consonância ao ritmo voluptuoso e aos eventos narrados, não seria despropositado aproximar esta novela, carregada de virtuosismo narrativo, a uma sonata de máscaras, ou mesmo a uma opereta cómica, levemente atravessada pela sensualidade das fantasias e caprichos musicais."
Bibliografia:

- Edgard Pereira, "Recensões Críticas" (*Colóquio|Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de junho de 2008)

A Martinhada (poema)

Poema heroico-pornográfico, com forte componente satírica, no qual se alude às extraordinárias façanhas sexuais de frei Martinho Barros.
Autor: **Caetano José da Silva Souto Maior** ou **António Camões Souto Maior**
1.ª edição: séc. XVIII.
Frei Martinho de Barros foi um clérigo português, confessor do rei D. João V de Portugal, que tinha fama de ter um apetite sexual insaciável e um pénis de dimensões colossais; tal levou a que Caetano José da Silva Souto Maior, conhecido como "o Camões do Rossio" tivesse composto o poema épico-obsceno intitulado *A Martinhada*, versos eróticos com forte componente satírica e cómica, nos quais alude às hiperbólicas virtudes sexuais do clérigo. Diz-se que Frei Martinho de Barros repreendera uma vez o rei no confessionário pelas suas frequentes infidelidades conjugais. O rei, porque conhecia bem o padre, maquinou uma vingança: mandou que, a todas as refeições, servissem apenas galinha ao seu confessor. Quando o padre protestou, D. João V ter-se-á limitado a responder: "Nem sempre galinha, nem sempre rainha…"
Fernando Curopos refere que "quanto à sexualidade entre homens, serve para reforçar a dimensão anticlerical, denunciando a luxúria de certos religiosos, tal como nas duas das mais célebres obras do género, *A Martinhada* e *O Capítulo Geral dos Franciscanos*, poemas obscenos do século XVIII, reeditados ao longo de todo o século XIX."
Outras edições:

- "printed by TC-Hansard, Peterbourough-court, Fleet street, London", Chipre, 1814, manuscrito leiloado na Leilões BestNet em 2018

- Oficina de A. Borée, [1818], 87 p., com o título de *A Martinhada: poema épico dedicado ao R.* p. *M. Fr. Martinho de Barros, etc. por António Camões Souto Maior*, exemplar da Biblioteca do Estado da Baviera
- Paris, 1818, 87 p., em *Poesias Eróticas Escolhidas*, que inclui *A Martinhada* e *O Capítulo Geral dos Franciscanos, imitação de Piron*

Bibliografia:

- Fernando Curopos, "La lesbienne fin-de-siècle: une fiction portugaise" (*Moderna språk*, Uppsala, vol. 112, n.º 2, 2018, tradução nossa)

A Materna Doçura

Consultar: *Materna Doçura*

A Mentira Vital

Contos.
Autor: **Henrique de Vasconcelos**
1.ª edição: 1897
Páginas: 188
Editor: Imprensa da Universidade de Coimbra
António Fernando Cascais refere que "*A Mentira Vital*, [está] todo ele recheado de contos (*A Elipse*; *Cerebrais*; *No Terraço*; *Eros Trágico*; *Alma a Penar*; *O Tentador* e *A Mentira Vital*, que dá título ao volume) sumamente sugestivos do ponto de vista *queer*."

Bibliografia:

- António Fernando Cascais, "Apresentação de «O Berloque Vermelho» de Silva Pinto" (*O Berloque Vermelho*, Lisboa: INDEX ebooks, 2021)

A Praga (conto)

Conto.
Autor: **Francisco Manuel Cabral Metello**
1.ª edição: 1923 (em *Entrevistas*)
Em 1923, além do romance *Sachá*, Francisco Cabral Metello publicou um livro de textos satíricos intitulado *Entrevistas*, com dois posfácios, por Fernando Pessoa e Aquilino Ribeiro. Um dos textos, *A Praga*, contém alusões aos livros que causaram uma grande polémica em Lisboa, *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal, e *Decadência*, de Judith Teixeira, que, conjuntamente com *Canções*, de António Botto, foram apreendidos e queimados pelas autoridades.

Bibliografia:

- Francisco Manuel Cabral Metello, *Entrevistas* (Lisboa: Portugália, 1923, posfácios de Aquilino Ribeiro e Fernando Pessoa)

A Primeira Vez

Romance policial.
Autor: **Pedro Vidal** (pseudónimo)
1.ª edição: 2018
Páginas: 214
Editor: Edições Vieira da Silva, Lisboa
Na cidade de Évora, o jovem Inspetor Jorge, ambicioso e no início da carreira, investiga o brutal homicídio de Carlos Monteiro, um homem da Noite, sociável e obscuro. Quando descobre que o morto era homossexual, Jorge vai ter de lidar com os

seus preconceitos se quiser resolver o caso, quando inicia uma viagem por um mundo que desconhecia e sobre o qual tinha as piores impressões. Esta viagem irá mudar drasticamente a sua vida e fazê-lo contrariar tudo o que aprendera. Conseguirá ele descobrir o assassino e retomar a sua vida normal depois disso? (fonte: editor)

A Princesa Que Queria Ser Rei

Livro infantil.
Autor: **Sara Monteiro** (texto) e **Pedro Serapicos** (ilustrações)
1.ª edição: 2007
Editor: Âmbar, Porto
Ana Margarida Ramos refere que "em 2007, a edição de *A Princesa Que Queria Ser Rei*, de Sara Monteiro, com ilustrações de Pedro Serapicos, sem abordar a temática da homossexualidade, propõe uma reflexão incomum sobre a questão dos géneros, debatendo a problemática dos estereótipos e dos papéis social e sexualmente predeterminados. Com a ambiência de um conto de fadas, esta narrativa subverte os elementos tradicionais, propondo, como protagonista, uma princesa que se assume física e comportamentalmente diferente, não aceitando os fortes constrangimentos familiares, culturais e sociais que lhe são impostos."
Bibliografia:

- Ana Margarida Ramos, "Saindo do Armário – Literatura para a Infância e a reescrita da homossexualidade" (*Forma Breve*, n.º 7, Univ. Aveiro, 2009)

A Promessa

Peça de teatro.
Autor: **Bernardo Santareno**
1.ª edição: 1957
Editor: edição de autor
Joana d'Eça Leal refere que "*A Promessa*, peça em três atos e três quadros da autoria de Bernardo Santareno, retrata a tensão no seio de um jovem casal decorrente de uma promessa religiosa de castidade, refletindo-se essa tensão também no círculo da família e amigos. Publicada pela primeira vez em 1957, numa edição de autor, juntamente com dois outros textos de teatro, esta peça explora a influência de um catolicismo fervoroso numa comunidade piscatória portuguesa de meados do século XX, num jogo de forças entre o poder da fé, os impulsos da natureza e os instintos humanos, trazendo à luz temáticas sensíveis como a frustração sexual. Levada à cena pelo Teatro Experimental do Porto em 1957, a peça foi rapidamente retirada de cena, por força da censura, só voltando a ser autorizada a sua subida aos palcos dez anos depois."
Paulo Pires Pepe considera que "poder-se-á argumentar que em *A Promessa*, Santareno constrói uma dupla representação: por um lado, a representação heterossexual é altamente visível; por outro lado, a representação homossexual, a mais rica das duas em termos de leituras e interpretações possíveis, ocupa um lugar nas entrelinhas – escondida por detrás das portas do Estado Novo de Salazar."
Consultar: Jesus (personagem)
Outras edições:

- Lisboa: Ática, 1959, 120 p.
- Lisboa: Círculo de Leitores, 1973, 161 p.
- Lisboa: Nova Ática, 2007, 186 p.

- Lisboa: Caminho, 2003, em *Obras Completas I*

Bibliografia:

- Joana d'Eça Leal e Centro de Estudos de Teatro, "A Promessa" (Inst. Camões)
- Paulo Pires Pepe, "Queerness in Bernardo Santareno's Theatre" (*Via Atlântica* n.º 33, 11 de setembro de 2018, tradução nossa)

A Questão Sexual

Não-ficção.
Autor: **Jaime Brasil**
1.ª edição: 1932
Páginas: 480
Editor: Casa Editora Nunes de Carvalho, Lisboa
Livro organizado em secções, sendo que a primeira, intitulada *Sexualidade Mórbida*, se debruça sobre temas como a história da prostituição, o fetichismo, as doenças sexuais, a masturbação, a homossexualidade masculina ou o "amor lésbio", e a segunda, intitulada *Sexualidade Normal*, debate temas como a liberdade afetiva e sexual, o amor, o casamento ou a natalidade.
Segundo Luís Miguel Queirós, "um dos poucos livros que [Agostinho Fernandes, fundador da editora Portugália] se terá recusado a editar por prever problemas com a censura foi *A Questão Sexual*, de Jaime Brasil. Em carta ao jornalista e escritor, explica: «Vítima quase trágica do problema sexual e a ele atribuindo os mais sérios malefícios de toda a minha estúpida e irreverentíssima existência, tenho pela sua divulgação o maior interesse». No entanto, acrescenta: «Estamos em Portugal, onde os livros do cientista Egas Moniz estão interditos, como as obscenas de Bocage (…)". Depois de publicado, em 1932, *A Questão Sexual* foi, segundo, Graça Abranches, "mandado retirar de circulação pela Censura em 1936; mas continuou a ser um «tesouro» que circulou clandestinamente e foi muito possivelmente o mais importante «manual» progressista de informação/educação sexual em Portugal até aos anos 60 do século XX. (...) A obra constituiu uma alternativa «resistente» aos manuais, na maior parte dos casos traduzidos, que, com a bênção da Igreja Católica e a sanção do regime [do Estado Novo], foram sendo publicados e reeditados até aos anos 70 para «formação» sexual da juventude portuguesa."
Jaime Brasil viu-se envolvido em forte polémica com os católicos, durante a qual redigiu outros livros (*Os Padres e a Questão Sexual*, 1932; *Os Órgãos Sexuais*, 1933; *A União dos Sexos*, 1933) que foram considerados ofensivos para a moral pública, e que resultou, por fim, no seu exílio em França.

Bibliografia:

- Luís Miguel Queirós, "O industrial que gostava de livros" (*Público*, 10 de abril de 2000)
- Graça Abranches, "Revisitando emancipadas e invertidas – A propósito de *Homossexuais no Estado Novo* de São José Almeida" (*Les Online*, vol. 2, 4.º 1, 2010)

A Relíquia

Romance.
Autor: **Eça de Queirós**
1.ª edição: 1887
Páginas: 441
Editor: Tipografia Silva Teixeira, Porto
José Carlos Barcellos refere que "não há dúvida de que a contraposição entre masculinidade e afeminamento é uma das constantes temáticas da obra de Eça de Queirós. Em *A Relíquia*, o humor eciano contrapõe a ridícula e interesseira afetação de afeminamento por parte do Raposão, no espaço doméstico da casa da titi, à sua «verdadeira» masculinidade, que só pode ser extravasada e vivida no espaço público. (...) apesar da educação recebida em casa da tia e da ligação homoerótica que mantivera com um colega de escola, o Crispim, na qual parecia ocupar uma posição feminizante, Teodorico tem uma reação − bastante inesperada, no contexto da narrativa − que fixa de maneira definitiva e inequívoca a sua masculinidade, tanto para si como para os outros: «Um dia, um rapaz já de buço chamou-me no recreio *lambisgoia*. Desafiei-o para as latrinas, ensanguentei-lhe a face toda, com um murro bestial. Fui temido. Fumei cigarros. O Crispim saíra dos Isidoros; eu ambicionava saber jogar à espada.» Essa atitude, daquele que mais tarde seria conhecido como o Raposão, aponta para um aspeto da masculinidade moderna que torna patente o caráter relacional da mesma: a masculinidade de um homem requer, para se afirmar, antes de tudo, o reconhecimento *dos outros homens*. (...) Em *A Relíquia*, o humor eciano contrapõe a ridícula e interesseira afetação de afeminamento por parte do Raposão, no espaço doméstico da casa da titi, à sua *verdadeira* masculinidade, que só pode ser extravasada e vivida no espaço público."

Consultar:

- Crispim (personagem)
- Eça de Queirós

Bibliografia:

- José Carlos Barcellos, "Homossociabilidade masculina e homoerotismo na ficção de Eça de Queirós" (*Literatura e Homoerotismo em Questão*, Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006)

A Representação das Minorias Sexuais na Informação Televisiva Portuguesa

Não-ficção.
Autor: **Clara Caldeira**
1.ª edição: 2006
Páginas: 200
Editor: Livros Horizonte, Lisboa
Este livro aborda a questão da representação das minorias sexuais na informação televisiva portuguesa e apresenta um estudo de caso da SIC entre 1995 e 2000. Pretende compreender-se de que forma um meio de comunicação de massa aborda uma realidade minoritária que questiona o *status quo* social, assente no paradigma da heterossexualidade normativa. Procurou-se averiguar se o discurso noticioso televisivo reforça o estatuto desviante destas minorias ou se, por outro lado, contribui para o seu reconhecimento e integração, tendo em conta as particularidades da produção jornalística e a especificidade do meio audiovisual. A obra apresentada nasceu da tese de mestrado apresentada na Universidade Nova, em 2004.

Desenvolvido na sequência de uma tese de mestrado defendida pela autora na Universidade Nova de Lisboa, este ensaio é uma abordagem aprofundada e bastante rara em Portugal sobre relações entre os *media* e as minorias – neste caso, as designadas minorias sexuais. Um interessante *case study* da informação da SIC (...) ocupa um lugar significativo no livro. Mas o ensaio não se circunscreve à realidade portuguesa, apresentando uma vasta e muito bem estruturada panorâmica desta questão no plano internacional e no seu historial recente. – José Gabriel Viegas in *Visão* (fonte: editor)

A Rocha Branca

Biografia romanceada de Safo.
Autor: **Fernando Campos**
1.ª edição: 2011
Páginas: 256
Editor: Alfaguara, Lisboa
Na ilha de Lesbos, plantada no Mar Egeu, existiu uma poetisa que via no amor fonte inesgotável de inspiração para os poemas líricos que compunha. Esta é a história da poetisa mais famosa da antiguidade clássica: Safo de Lesbos. Encontramos Safo já viúva e com uma filha. Instigada pela fama de um certo jovem de beleza irresistível e sequiosa de viver novamente o amor, Safo enamora-se de Fáon, um velho barqueiro de Mitilene que as artes mágicas da deusa Afrodita transformaram no mais belo rapaz que alguma vez existiu. Dizem que o seu olhar é de luz mas a sua alma de gelo. O drama reside em que a alma ardente e jovem de Safo, presa no invólucro da velhice, ama o corpo jovem de Fáon, que encerra um espírito velho e desapaixonado. Mas Safo parece ignorar essa diferença e entrega-se sem reservas à paixão pelo homem de olhar fenício. O que aconteceu naquele dia na rocha branca de Lêucade fez daquele lugar destino de peregrinação de muitas mulheres desesperadamente apaixonadas. (fonte: editor)
Cristina Costa Vieira refere "tal opção romanesca [por uma biografia romanceada] parece assentar em duas razões: a tendência (com raras exceções) para o romance histórico bem documentado, quando Fernando Campos escreve narrativas históricas, e a homenagem a uma das mais talentosas poetisas da Antiguidade feita por quem teve na Coimbra dos anos 40 do século XX uma sólida formação em Filologia Clássica e sabe viver-se hoje um abandono de tais estudos."
Bibliografia:

- Cristina Costa Vieira, "«A Rocha Branca», de Fernando Campos: uma imagem heterodoxa de Safo?" (*A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura*, vol. III, coordenação científica: Cristina Pimentel e Paula Morão, Campo da Comunicação, Lisboa, 2017)

A Ruptura

Romance.
Autor: **Hélder de Sousa**
1.ª edição: 1978
Páginas: 182
Editor: edição de autor
Heitor é um jovem, filho de uma família da alta burguesia, inconformado com a vida e com a morte, cheio de dúvidas e problemas, apaixonado por Lurdes desde a

adolescência, mas que, aos vinte e dois anos, já estudante universitário em Lisboa, "não casa com ela, nem a deixa casar", segundo um dos seus irmãos. E porque será? Apenas podemos aventar algumas hipóteses: (a) a sua família perturbada, com a mãe, Rosa, mal-amada pelo marido capitalista, que apenas a vê como a "parideira" dos filhos? (b) o catolicismo fundamentalista da família, com os seus pruridos sexuais e as críticas à pílula? (c) a sua rebeldia e a dos amigos, desprezando o casamento tradicional e advogando o amor livre? (d) a sua homossexualidade, sempre insinuada, mas nunca afirmada, que o levaria a fugir às relações sexuais com a namorada mas, também, com uma das criadas que se enfia alegremente na sua cama?
Para Álvaro Manuel Machado, este é o "primeiro romance de um jovem autor. (…) Convencionalíssimo, de uma imensa ingenuidade de mau gosto."

Bibliografia:

- Álvaro Manuel Machado, "Rol de Livros" (*Leituras Gulbenkian*, 5 de junho de 1979)

A Segunda Morte de Anna Karénina

Romance.
Autor: **Ana Cristina Silva**
1.ª edição: 2013
Páginas: 224
Editor: Oficina do Livro, Lisboa
Violante tinha, desde criança, um talento raro para a representação e, com a ajuda de Luís Henrique, um grande ator com quem acabou por se casar, tornou-se uma das mais aplaudidas atrizes portuguesas do princípio do século XX. Contudo, os que a veem brilhar e afirmar o seu génio no palco dos maiores teatros nacionais desconhecem o terrível segredo que minou a sua vida e a levou para longe o marido numa noite que podia ter acabado em tragédia. Agora que Violante visita, longe da multidão, o jazigo de Rodrigo – um jovem oficial português caído na guerra das trincheiras em França – espera finalmente sentir o desgosto da mãe que não chegou a ser, mas descobre que o filho que não criou afinal carregava no peito um peso tão grande ou maior do que o seu. E, com o espetro das recordações que essa revelação desencadeia, regressa também inesperadamente o próprio Luís Henrique, desejoso de obter, ao fim de tantos anos, a resposta que Violante não lhe pôde dar. O problema é que, numa conversa entre dois atores de exceção, nunca se sabe exatamente o que é verdade. *A Segunda Morte de Anna Karénina* é um romance sobre o amor sem limites, a traição e os custos da vingança – e também uma obra arrojada sobre as tensões homossexuais reprimidas, sobre as vidas desperdiçadas de tantos portugueses na Primeira Guerra Mundial e sobre as diferenças – se é que existem – entre o teatro e a vida real. (fonte: editor)

A Sexualidade dos Jovens Portugueses

Ensaio.
Autor: **Henrique Pereira**
1.ª edição: 2014
Editor: Lisboa: Placebo

AMOSTRA

A Sombra dos Dias

Romance autobiográfico.
Autor: **Guilherme de Melo**
1.ª edição: 1981
Páginas: 549
Editor: Livraria Bertrand, Lisboa

Romance dos dias que passam, da sombra dos dias, dos anos [19]50 de uma família portuguesa por terras de Moçambique – tempos doces de praias a perder de vista e águas cálidas, tempos duros da guerra e do regresso – e, perpassando, a sombra da diferença, da homossexualidade, escondida primeiro, provocatoriamente assumida depois, mas sempre motivo de conflito, medo e inevitáveis derrotas. *A Sombra dos Dias*, meio século de uma história pouco conhecida – a vida intelectual, artística, social, e também os *bas-fond* e as intrigas de uma cidade, Lourenço Marques, hoje existindo apenas na memória dos que a conheceram. (fonte: contracapa da 1.ª edição)

Uma África que não mais reviverá, entre amarga e embaladora, cruel e fraterna, a África de antes do 25 de Abril, através de um retrato de uma família portuguesa nos últimos 50 anos de um Moçambique no final do Império. E, simultaneamente, o dolorido e corajoso assumir do homossexualismo em toda a sua verdade e incompreensão, num desafio levado até ao extremo perante uma sociedade hostil e, não poucas vezes, hipócrita. Um livro polémico e controverso, em que críticos como João Gaspar Simões e António Quadros reconheceram «o fôlego dramático dos grandes testemunhos humanos» – e que a Editorial Notícias se orgulha de (re)lançar no mercado português, esgotadas que foram as anteriores edições, depois que, em 1981, o Júri do Grande Prémio Literário do Círculo de Leitores, ao recomendar a publicação desta sua obra, revelou o nome do autor, até então praticamente desconhecido entre nós. (contracapa da 2.ª edição)

Segundo João Carneiro, "Guilherme de Melo afirma-se como um cronista de grande qualidade, fruto óbvio e evidente da sua longa tarimba jornalística; ainda não pode ser considerado, porém, como um autêntico romancista: se insistir e, modestamente, ousar, logo o será. Por ora nos fica este trabalho que se lê de um só fôlego, virando uma noite, com satisfação e prazer. Há que esperar e exigir mais e melhor."

De acordo com Tobias Brandenberger, a publicação de *A Sombra dos Dias* causou alguma polémica: "o livro causou, no momento da sua publicação, algum desassossego: não só focava um assunto altamente delicado e controverso – que ocasionara feridas mal cicatrizadas, consequências económicas e demográficas graves – numa altura em que ainda era recente a radical mudança política que, a partir de 1974, derrubou afirmações e esquemas de pensamento defendidos durante muito tempo; também tratava com frontalidade, franqueza e detalhes inusitados a temática da homossexualidade e, acima de tudo, através de um protagonista de fácil identificação. Contribuiu decisivamente para a fama de Melo como escritor que não receia nem dispensa assuntos incómodos ou interditos."

Outras edições:

- Lisboa: Círculo de Leitores, 1981, 740 p.
- Lisboa: Editorial Notícias, 1985, 2.ª edição: 548 p.

Bibliografia:

- João Carneiro, "«A Sombra dos Dias», de Guilherme de Melo" (*Colóquio|Letras* n.º 71, Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro de 1983)
- Tobias Brandenberger, "Olhar Moçambique: «A Sombra dos Dias» de Guilherme de Melo" (*Limite, Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*, n.º 8, 2014)

A Torre de Babel ou a Porra do Soriano

Consultar: *Pedro Soriano*

A Uma Dama Que Macheava Outras Mulheres (poema)

Poema.

Autor: **Gregório de Matos**

1.ª edição: s/d

Leandro Valentin refere que se percebe que "o eu-lírico se aborrece com a orientação sexual de Nise, sua ex-amante. Note-se, como o próprio título aponta, que Nise seria uma mulher homossexual portadora de traços masculinos, como se verifica no verso «e és homem para mulheres?»."

Excerto:

A saber como te amara, / menos mal me acontecera, / pois se mais te compreendera, / tanto menos te adorara: / a vista nunca repara / no que dentro n'alma jaz, / e pois tão louca te traz / que só por damas suspiras, / não te amara, que tu viras, / este vício, a que te vás. // (...) Que rendidos homens queres, / que por amores te tomem? / se és mulher, não para homem, / e és homem para mulheres? / Qual homem, ó Nise, inferes, / que possa, senão eu, ter / valor para te querer? / se por amor nem por arte / de nenhum deixas tomar-te / E tomas toda a mulher!

Bibliografia:

- Leandro Henrique Aparecido Valentin, "Representações da homossexualidade em poemas de Gregório de Matos" (*Littera*, Nova Friburgo, vol. 2, n.º 4, 2013)
- *"*Gregório de Matos: Poemas Atribuídos, Códice Asensio-Cunha" (*Autêntica*, vol. IV, 2014, organização e estudo de João Adolfo Hansen, Marcello Moreira)

A Velha Casa (série)

Ciclo de romances publicado em 5 volumes.

Autor: **José Régio**

1.ª edição: 1945-66

Inclui: *Uma Gota de Sangue* (1945), *As Raízes do Futuro* (1947), *Os Avisos do Destino* (1953), *As Monstruosidades Vulgares* (1960) e *Vidas são Vidas* (1966); José Régio estava a preparar o sexto volume quando faleceu.

Para Manuel José Matos Nunes, "o ciclo de romances *A Velha Casa*, considerado por José Régio a obra capital da sua produção literária, é um texto que articula invenção romanesca com escrita referencial, situando-se, assim, no domínio da ficção autobiográfica", em que o autor se identificaria com Lelito e se teria inspirado em António Botto e João Gaspar Simões, respetivamente, para os personagens do João Salvador (homossexual, "digno de admiração, mas enjoativo e repugnante") e Olegário ("típico intelectual balofo e uns aspirante pretensioso a literato").

Sobre a homossexualidade nos romances de *A Velha Casa*, Manuel José Matos Nunes afirma que a mesma está "presente em vários episódios do ciclo romanesco, permite a Lelito manifestar uma das suas obsessivas tendências, aliás previsível: a homofóbica. Em *A Velha Casa* há várias referências a esta questão, uma jocosas ou inócuas, outras que acabam por ter certo peso no desenvolvimento da trama romanesca. Em primeiro lugar, menos ponderosas, as que se reportam à personagem do Ilidinho, frequentador do grupo das Mães Cristãs, em que pela beatice e pelo diminutivo ridículo que lhe atribuem, faz lembrar o Libaninho, de *O Crime do Padre Amaro*. Igualmente jocosas, mas não inócuas, as que exibem a pederastia de João Salvador, a sua incontida atração

pelos efebos, com a carga de ridículo que lhes associa o discurso do narrador. Depois, a que se relaciona com Olegário, em *Uma Gota de Sangue*, e a própria experiência de Lelito no mesmo volume, obrigado a agir violentamente contra o colega Adélio para travar o assédio que este lhe move. O conhecimento que Lelito tem, através de Pedro Sarapintado, das "porcarias" a que Olegário se teria prestado com Adélio, como que marca toda a relação futura entre o protagonista e o seu melancólico colega do Colégio Familiar. Já o trauma sofrido com o assédio de Adélio, não só pelo caso em si como pelas consequências (castigo disciplinar, vergonha pública e, inevitavelmente, a fuga do colégio) poderá justificar a repugnância que o protagonista sente por João Salvador e, principalmente, a forma excessiva como reage à provocação que lhe é montada pelo capitão Valeixo no serão de Marciano."

Consultar:

- *Uma Gota de Sangue*
- João Salvador (personagem)
- *Vidas são Vidas*

Outras edições:

- Lisboa: INCM, 2002, edição completa dos 5 volumes, anotações de Maria Isabel Cadete Novais, posfácio de Eugénio Lisboa

Bibliografia:

- Manuel José Matos Nunes, "José Régio, o eu superlativo – o ciclo romanesco «A Velha Casa» e outros escritos autobiográficos" (Universidade Nova de Lisboa, 2012, tese de doutoramento)

A Verruga (conto)

Conto.

Autor: **Fialho de Almeida**

1.ª edição: 1927 (em *Lisboa Galante*)

Um conto licencioso, escrito por homens e para homens, heterossexuais, em que, segundo Fernando Curopos, se enuncia "uma utopia ainda por vir (…) a possibilidade de uma vida fora de qualquer economia fálica: «— Minha esposa de mistério, esposa criminal, do mesmo sexo que o esposo! Dizia ela — Os homens nunca poderão compensar em mim a suprema embriaguez dos teus abraços, e a ardente carícia que vem sorver-me a existência, pela frescura húmida dessa boca. Oh, sim! lábios nos lábios, olhos nos olhos, coração no coração. Que celeste coisa é o beijo, quando troca duas respirações perfumadas igualmente; e que admirável música, inédita e profunda, se exala deste noivado nosso, monstruoso e divino, em que a força da paixão talvez compense a infecundidade dele, e a delicadeza do nosso ser, tão superior como obra de arte, vê palpitar junto de si, confusa, perdida, quase doida, outra delicadeza que a equivale, e nos abala, e nos deslumbra!»."

Outras edições:

- Lisboa: INDEX ebooks, 2019, em *Versos Fanchonos, Prosa Fressureira*

Bibliografia:

- Fernando Curopos, "Introdução" (*Versos Fanchonos, Prosa Fressureira*, Lisboa: INDEX ebooks, 2019)

A Vida de Horácio (conto)

Conto.
Autor: **José António Almeida**
1.ª edição: 2008
Páginas: 96
Editor: &etc, Lisboa
"Naquela manhã Horácio acordou com uma ideia fixa. Desde há meses que um amontoado de pensamentos indefinidos fora crescendo dentro do seu cérebro acanhado, como todos os cérebros humanos. (…) Agora esses pensamentos nebulosos, saturados de mil ruminações e pequenos raciocínios, devido às altas e baixas pressões atmosféricas da sua mioleira, tinham-se condensado finalmente numa ideia fixa e, por assim dizer, líquida: ele, Horácio, tinha de conhecer uma mulher." Miss Savonarola considerava que a "homossexualidade estava ontologicamente errada" mas Miss Robespierre não era da mesma opinião e rapidamente começaram a viver juntos, até aparecer Roberto, um turista italiano, e "quando Roberto lhe descreveu por gestos o Vesúvio, Horácio ficou completamente apaixonado."

A Vida São 60 Segundos

Romance.
Autor: **João Pedro Anjo**
1.ª edição: 2021
Páginas: 324
Editor: edição de autor
Prémios: Prémio Dezanove – Melhor Livro do Ano, 2021
Tomé nunca foi um sonhador. Habituado a uma vida rotineira, marcada pela falta de carinho em casa, vê a sua vida virada do avesso no dia em que a sua irmã morre. Quis o destino que conhecesse um homem que lhe abre os olhos para um mundo até então desconhecido. Para a vida. De malas às costas, e uns trocos no bolso, parte rumo ao incerto pela Europa, mas o verdadeiro sonho acontece quando Tomé conhece um outro foragido. Um rapaz australiano. O pulso acelera. Porém a vida são sempre 60 segundos. E as melhores histórias são contadas pela memória. (fonte: editor)
Bibliografia:

- "Prémios dezanove: os melhores de 2021" (*dezanove.pt*, 30 de dezembro de 2021)

A Vida Sexual

Dissertação inaugural para o ato de Conclusões Magnas na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, em 1902.
Autor: **Egas Moniz**
1.ª edição: 1902
Páginas: 357 (volume I) e 324 (volume II)
Editor: França Amado, Coimbra
Obra em dois volumes, com o primeiro intitulado *Fisiologia* e o segundo *Patologia*.
O segundo volume contém um capítulo sobre a homossexualidade. Egas Moniz defende que a homossexualidade é uma perversão do instinto sexual e uma repugnante doença e, como tal, pode ser tratada. Refere, no entanto, que: "não podemos deixar de admitir que, em geral, para a saúde do homossexual são mais saudáveis as práticas da inversão do que as relações heterossexuais que, por vezes, pode realizar experimentando uma extraordinária fadiga com incompleta satisfação genésica."

AMOSTRA

Fernando Curopos refere que "os investigadores da geração seguinte [à de Adelino da Silva], os psiquiatras António Egas Moniz, que publica, em 1902, *A Vida Sexual*, a que se seguiu um ano depois o estudo de Albano Pereira dos Santos, *Perversão Sexual*, não farão muito melhor que dar a ler em português as mais recentes teorias de autores franceses, alemães e ingleses sobre a homossexualidade e as sexualidades não normativas."

Consultar: *Scientia sexualis* portuguesa (tema)

Bibliografia:

- Fernando Curopos, "L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875 -1915)" (Paris: L'Harmattan, 2016, tradução nossa)

A Vila das Cores

Livro infantil.
Autor: **Bruno Magina** (texto) e **Carolina Figueira** (ilustrações)
1.ª edição: 2014
Páginas: 36
Editor: Escritório Editora
A Vila das Cores aborda, de uma forma simples e divertida, a homossexualidade, a homofobia e a diversidade de famílias, desmistificando preconceitos e deixando uma mensagem de tolerância e respeito, tanto a crianças como a pessoas adultas. Ilustrado por Carolina Figueira, o livro inclui prefácio de Paulo Côrte-Real (ILGA Portugal) e uma versão do texto integral em inglês. (fonte: editor)

A Vingança de Maria de Noronha

Romance.
Autor: **Armando Silva Carvalho**
1.ª edição: 1988
Páginas: 216
Editor: Vega, Lisboa
Romance que reescreve o drama *Frei Luís de Sousa* (1843) de Almeida Garrett.
Consultar: Chico Fraga (personagem)

A Violação das Mulas

Romance.
Autor: **Maria O.**
1.ª edição: 2010
Páginas: 80
Editor: Eucleia, Gaia
Maria O. nasceu em Vila Nova de Gaia há mais de 20 anos. Tem escrito muito. Ainda está viva. Panascas, putas e políticos. Uma vila portuguesa. Uma escultura polémica. Um retrato do cu da Europa: Portugal no seu melhor. (fonte: editor)
Consultar: Deivid Uva (personagem)

Abel Botelho (1856-1917)

Abel Acácio de Almeida Botelho.
Militar, político, diplomata e escritor.
Nasceu em Tabuaço, no dia 23 de setembro de 1856.
Morreu em Buenos Aires, na Argentina, no dia 24 de abril de 1917.
A carreira literária de Abel Botelho começou em 1885, com um livro de versos intitulado *Lira Insubmissa*. Nos anos seguinte, lançou várias peças de teatro que,

procurando temáticas escabrosas e fraturantes, tal como era exigido pelo Naturalismo, causaram grande agitação e polémica, especialmente *Imaculável*, cuja apresentação terminou com apupos dos espectadores, e *Vencidos da Vida*, que não continuou em cena por ser considerada imoral. Em 1891, Abel Botelho deu início à série de romances *Patologia Social*, com o objetivo de refletir sobre a sociedade portuguesa e os seus problemas sociais. O primeiro livro desta série, *O Barão de Lavos* (1891) é considerado como sendo o primeiro romance em português que toma para personagem principal um homossexual. Foi seguido por *O Livro de Alda* (1898), *Amanhã* (1901), *Fatal Dilema* (1907) e *Próspero Fortuna* (1910). Para além destes, Botelho deixou mais três romances: *Sem Remédio...* (1900), *Os Lázaros* (1904) e *Amor Crioulo* (incompleto e póstumo; anteriormente intitulado *Idílio Triste*; 1919) e o conto *Mulheres da Beira*. Colaborou também em várias publicações periódicas, nomeadamente nas revistas *Brasil-Portugal* (1899-1914), *Serões* (1901-1911), *Azulejos* (1907-1909) e *Atlântida* (1915-1920).
Segundo Saraiva e Lopes, "Abel Botelho representa o ponto extremo até onde chegou entre nós a ficção naturalista da escola de Zola."
Fernando Curopos considera que "a homofobia se torna numa arma de combate político e a homossexualidade passa a ser associada, pelos republicanos, a uma nobreza degenerada. Não é, portanto, de estranhar o sucesso de *O Barão de Lavos*, o primeiro romance da literatura canónica portuguesa a falar abertamente de homossexualidade masculina, publicado em 1891 por um republicano convicto, Abel Botelho."

Consultar:

- *O Barão de Lavos*
- *O Livro de Alda*
- *Patologia Social* (série)

Bibliografia:

- A. J. Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto: Porto Editora, 17.ª edição)
- Fernando Curopos, "Introdução" (*O Bispo de Beja e Afins*, Lisboa: INDEX ebooks, 2021)

Adelino Cunha (1971)

Autor, historiador e professor.
Nasceu em Lisboa, no dia 11 de maio de 1971.
Consultar: *Júlio de Melo Fogaça*

Adelino Dinis

Jornalista.
Consultar: *Nicha: Mário de Araújo Cabral*

Adelino Pereira da Silva (séc. XIX)

Médico.
Nasceu em Leiria, na segunda metade do século XIX.
Sobre Adelino Pereira da Silva não chegou aos nossos tempos muita informação. Dos arquivos da Faculdade de Medicina do Porto consta que era filho de Francisco Pereira da Silva e natural de Leiria, e que em 1895 publicou a sua dissertação inaugural à Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Por um trecho do *Legado Alqueidanense*, sabemos que em 1898-99 era "facultativo do partido médico de Porto de Mós", ou seja, teria

AMOSTRA

regressado ao distrito onde nascera para exercer medicina a contrato da Câmara Municipal. Em 1902, surge a responder a um inquérito sobre a prostituição, ainda em Porto de Mós, levado a cabo pelo médico Ângelo Fonseca. E mais não sabemos... (fonte: editor)
Consultar: *A Inversão Sexual*

Afonso Eanes de Coton (séc. XIII)
Afonso Eanes de Coton ou Afonso Anes do Cotom.
Trovador do período medieval, autor de cantigas de escárnio e maldizer.
Nasceu possivelmente em Negreira, na região de Santiago de Compostela, por volta da década de 1240.
Morreu, assassinado por Pero da Ponte, aparentemente numa taberna em Ciudad Real, por volta de 1266.
É possivelmente o autor da primeira referência ao lesbianismo na literatura portuguesa, com o seu poema *Mari'Mateu*, datado do século XIII e constante no *Cancioneiro Português da Vaticana*, poema que foi recuperado e divulgado na modernidade por Natália Correia, na sua *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (1966).
Consultar: *Mari'Mateu, ir-me quer'eu daquém* (cantiga)

Afonso Mendes de Besteiros (séc. XIII)
Trovador do período medieval, autor de cantigas de escárnio e maldizer.
Nasceu provavelmente em S. Cosme de Besteiros, próximo de Paredes, no século XIII.
Consultar: *O arrais de Roi Garcia* (cantiga)

Afonso Reis Cabral (1990)
Escritor e editor.
Nasceu em Lisboa, no dia 31 de março de 1990.
Começou a escrever poesia aos 9 anos, tendo publicado o seu primeiro livro de poesia, *Condensação*, quando tinha apenas 15 anos. Em 2014, venceu o prémio LeYa com o romance inédito *O Meu Irmão*, e em 2019 venceu o Prémio Literário José Saramago com o livro *Pão de Açúcar*, sobre o assassinato no Porto da transexual Gisberta.
Consultar: *Pão de Açúcar*

Agradece o Beijo
Romance.
Autor: **Ana Zanatti**
1.ª edição: 2005
Páginas: 150
Editor: Dom Quixote, Lisboa
"Agora que tudo acabou, fecho os olhos e vejo os meus mortos no seu voo tranquilo sobre a cabeça dos prédios da cidade. Invade-me um cheiro a flores e a terra molhada. Olho à minha volta e pergunto-me que memórias despertará este cheiro em cada um dos presentes... Que imagens estarão a desfilar dentro das suas cabeças? Na minha, espreita de novo a criança que trago cá dentro, frágil, insegura, sonhadora, voando direita à ilha dos Morangos para trazer à mãe as folhas da Árvore dos Sorrisos. Sim, que todos transportamos numa cavidade recôndita uma criança silenciada, mas viva, à espera de se fazer ouvir, ainda que seja só quando a velhice chegar. Essa criança não murcha, não perde cor nem memória, não cria rugas nem perde a folha, por muito que a queiramos esconder e ignorar. Um dia, há sempre um dia, ela amarinha por nós e vem perguntar: lembras-te, lembras-te?" *Agradece o Beijo* é a biografia de uma (...)

ÍNDICE

Ficha Técnica 4
Introdução 5
Cronologia Da Literatura Lgbtq+ Portuguesa 7
Perguntas Frequentes 15
Que Há De Novo? 18
Contribua! 22
Mantenha-Se Informado! 22

A **23**

A Alma Trocada *23*
À Beira do Mundo *23*
A Bela Condessa *23*
A Canção do Engate (canção) *24*
A Capital! *24*
A Chave do Armário *25*
A Chave do Labirinto *25*
A Cidade e as Serras *26*
A Confissão (peça de teatro) *26*
A Confissão de Lúcio (conto) *27*
A Corja *29*
A Costa dos Murmúrios *29*
A Duração dos Crepúsculos *29*
A Elipse (conto) *30*
A Engomadeira *30*
A Família Luxúria *31*
A Formosa Pintura do Mundo *31*
A Gorda *32*
A Grã-Canária (conto) *32*
A Grafonola (conto) *33*
A História da Aranha Leopoldina *33*
A Homossexualidade no Mundo *34*
A Ilustre Casa de Ramires *34*
A Inércia da Deserção *35*
A Inversão Sexual *36*
A Janela de Naná (poema) *37*
A Lei do Desejo *37*
A Linguagem da Desordem *38*
A Mãe de Todas as Histórias *38*
A Máquina do Arcanjo *39*
A Martinhada (poema) *39*
A Materna Doçura *40*
A Mentira Vital *40*
A Praga (conto) *40*
A Primeira Vez *40*
A Princesa Que Queria Ser Rei *41*
A Promessa *41*
A Questão Sexual *42*
A Relíquia *43*
A Representação das Minorias Sexuais na *43*
A Rocha Branca *44*
A Ruptura *44*
A Segunda Morte de Anna Karénina *45*
A Sexualidade dos Jovens Portugueses *45*
A Sombra dos Dias *46*
A Torre de Babel ou a Porra do Soriano *47*
A Uma Dama Que Macheava Outras... (poema) *47*
A Velha Casa (série) *47*
A Verruga (conto) *48*
A Vida de Horácio (conto) *49*
A Vida São 60 Segundos *49*
A Vida Sexual *49*
A Vila das Cores *50*
A Vingança de Maria de Noronha *50*
A Violação das Mulas *50*
Abel Botelho (1856-1917) 50
Adelino Cunha (1971) 51
Adelino Dinis 51
Adelino Pereira da Silva (séc. XIX) 51
Afonso Eanes de Coton (séc. XIII) 52
Afonso Mendes de Besteiros (séc. XIII) 52
Afonso Reis Cabral (1990) 52
Agradece o Beijo *52*
Agustina Bessa-Luís (1922-2019) *53*
Ainda Havia Sol *53*
Airas Peres Vuitorom (séc. XIII) 54
Airas Veaz (séc. XIII-XIV) 54
Al Berto (pseudónimo) 54
Álamo Oliveira (1945) 55
Albano Pereira dos Santos 56
Alberto de Lacerda (1928-2007) 57
Alberto de Oliveira (1873-1900) 58
Alberto Pessoa (1883-1942) 58
Alberto Raposo Pidwell Tavares (1948-1997) 59
Álbum de Famílias *59*
Alexa Wolf (pseudónimo) 59
Alexandra Amaro (1966) 59
Alexandra Lucas Coelho (1967) 59
Alface (pseudónimo) 60
Alfredo Cortês (1880-1946) 60
Alfredo Gallis (1859-1910) 60
Alguns Livros Reunidos *63*
Alice e o Abismo *63*
Alice Moderno (1867-1946) 63
Alma a Penar (conto) *64*
Almada Negreiros (1893-1970) 64
Almanak Caralhal (almanaque) *65*
Almanak do Frontão (almanaque) *66*
Alta Noite em Alta Fraga *66*
Altisidora e Corisanda (conto) *66*
Alvar Rodriguiz dá preço d'esforço (cantiga) *67*
Álvaro de Campos (heterónimo) *67*
Álvaro Guerra (1963-2002) 69
Amar de Olhos Fechados *69*
Amar, Gozar, Morrer *70*
Amar Incondicionalmente *70*
Amar Não Acaba *70*
América, América, I Love You (poemas) *71*

AMOSTRA

Amo-te Como Eu Quero 71
Amor no Feminino 72
Amor Que Se Faz Homem 72
Amor Sáfico e Socrático 73
Ana Alegre 74
Ana Cristina Santos (1971) 74
Ana Cristina Silva (1964) 74
Ana Hatherly (1929-2015) 74
Ana Luísa Amaral (1956) 75
Ana Macedo 77
Ana Maria Brandão 77
Ana Maria Magalhães (1946) 77
Ana Paula (personagem) 77
Ana Pinheiro 77
Ana Zanatti (1949) 78
Anarco-Queer? Queercore! 78
André Benjamim (pseudónimo) 79
André Murraças (1976) 79
Angel (personagem) 79
Anna M. Klobucka 80
Antigas e Novas Andanças do Demónio 80
Antinous (poema) 80
Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica 81
Antologia Ficção Especulativa Queer 82
Antoninha Morena (personagem) 82
António Botto (1897-1959) 82
António Botto & Fernando Pessoa 86
António Botto e o Amor 87
António Botto e o Ideal Estético em Portugal (artigo) 87
António Botto: Um Poeta de Lisboa 88
António Camões Souto Maior 88
António Cândido Franco (1956) 88
António Casado (1960) 88
António da Cunha Lemos de Azevedo Castelo... 88
António da Silva Pinto (1848-1911) 89
António de Albuquerque (1866-1923) 90
António Duarte 90
António Feliciano de Castilho (1800-1875) 90
António Fernando Cascais (1959) 91
António Ferreira (1528-1569) 91
António Franco Alexandre (1944) 92
António Galrinho (1964) 93
António Joaquim Duarte Júnior 93
António Joaquim Rodrigues Ribeiro 93
António Lobo Antunes (1942) 93
António Lobo de Carvalho (1730-1787) 94
António Manuel Couto Viana (1923-2010) 94
António Martinho do Rosário (1920-1980) 95
António Mega Ferreira (1949) 95
António Moreno (personagem) 95
António Nobre (1867-1900) 96
António Nobre, 1867-1900: Fotobiografia 98
António Nobre e Alberto de Oliveira (história) 98
António: Novela Dramática 98
António Palolo 99
António Pedro 99
António Variações (1944-1984) 99
António Variações (livro de fotografia) 100
António Variações: entre Braga e Nova Iorque 100
António Variações: Fora de Tom 101
António Variações: Uma Biografia 102
Ao Lado de Clara (conto) 102
Apologia cavilosa em defensa do... (poema) 103
Aprender a Amar (conto) 103
Aquele Lustro Queer 103
Aquestas coitas que de sofrer hei (cantiga) 104
Ara 104
Arbítrio 105
Archote Glaciar 105
Arco da Porta do Mar 106
Arco Íris (fanzine) 106
Arder a Palavra e Outros Incêndios 106
Arlindo Camilo Monteiro (1888-1956) 107
Armando Côrtes-Rodrigues (1891-1971) 107
Armando Silva Carvalho (1938-2017) 107
Armário literário português (tema) 109
Arrenegos que fez Gregório Afonso... (poema) 112
Arsénio de Chatenay (pseudónimo) 112
Ary dos Santos (1936-1984) 114
Ary dos Santos: a voz da resistência à ditadura... 115
As Canções 116
As Coisas da Alma 116
As Duas Confidentes (conto) 116
As Ites e o Regulamento (conto) 117
As Lágrimas de Bibi Zanussi e Outros Contos 117
As Lágrimas dos Vivos 117
As Mãos e os Frutos 118
As Noites Brancas do Papa Negro 118
As Palavras Interditas 119
As Peças Amorosas 119
As Sete no Sa Tortuga 120
As Últimas Horas de Carlos Castro 120
Asdrúbal António de Aguiar (1883-1961) 121
Astronomia 121
Até Hoje (Memórias de Cão) 122
Atenas: Uma Abreviatura (conto) 123
Augusto Garraio (1845-??) 123
Aula de Poesia 124
Auto do Branco de Neve 124

B **125**

Basílio Freire (1857-1927) 125
Bâton 125
Belezas (personagem) 125
Belle Dominique (pseudónimo) 126
Belle Dominique: Um Menino Diferente 126
Bem-Aventuranças 126
Bento de Oliveira Cardoso e Castro Guedes... 126
Bernal Fendudo, quero-vos dizer (cantiga) 127
Bernardo Mendonça (1975) 127
Bernardo Santareno (pseudónimo) 127
Bico de Pena (editora) 128
Boa Noite (conto) 129
Bocage (1765-1805) 129
Bordel Português 130
Branca e Gabriela (conto) 131
Brandão (personagem) 131
British Boys 132
Bruno Horta (1981) 132
Bruno Magina (1984) 133
Bruno Miguel Fernandes Monteiro (1981) 133
Bruno: um caminho de vida 133

C **134**

Cá Vai Lisboa 134
Cabaret Repórter X / A Última Noite Em Que Dançámos Juntos 134
Cadernos de Nefandos 135

MOSTRA

Cadernos Italianos 135
Caetano José da Silva Souto Maior (1694-1739) 136
Calcorreando Percursos 136
Camilo Castelo Branco (1825-1890) 136
Camões do Rossio (alcunha) 136
Cancioneiro da Biblioteca Nacional 137
Cancioneiro do Bairro Alto 137
Cancioneiro Geral 138
Canções 138
Canções do Sul 140
Cândida, Uma História Portuguesa 140
Canis Dei 140
Cantigas de escárnio e maldizer (tema) 141
Capangala Não Responde (conto) 142
Caracteres 142
Carlos Barahona Possollo (1966) 143
Carlos Castro (1945-2011) 143
Carlos Matos Gomes 143
Carlos May Figueira (1829-1913) 144
Carlos Pamplona Corte-Real (1944) 144
Carlos Vaz Ferraz (pseudónimo) 144
Carta de Sócrates a Alcibíades, Seu Vergonhoso... 144
Cartas de Mário Cesariny para Cruzeiro Seixas 145
Cartas de Olinda e Alzira (poemas) 145
Cartas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa 146
Cartas Que Me Foram Devolvidas 146
Cartucho 147
Casamento Entre Pessoas do Mesmo Sexo, Sim... 147
Castelo de Sombras 148
Catarina Fernandes (1992) 148
Cátia Filipa Silva (1990) 148
Cecília Amaral Figueiredo (1964) 148
Celestino Gomes (1899-1960) 149
Célula 149
Cena do Ódio (poema) 149
Centro de Documentação LGBT Gonçalo Diniz 150
Cerebrais (conto) 150
Cesário Verde (1855-1886) 150
Céu em Fogo 151
Chalila Boé (personagem) 152
Charlie (personagem) 152
Chico Fraga (personagem) 153
Choro de Criança (conto) 153
Chubby Bunny (conto) 153
Cidade Proibida 154
Cinema e Cultura Queer 155
Cinquenta. Orlando, Ouve 155
Ciúme: Canções 156
Clamor do Vento 156
Clara Caldeira 156
Clara Suspeita de Luz 156
Clarisse Monteiro 156
Cláudio Ramos (1973) 157
Com'Out (revista) 157
Combustão 157
Comédia de Bristo 157
Comédia do Fanchono 158
Comenda de Fogo 159
Como Alguém Disse 159
Como um Rio Sem Pontes 160
Comprar quer'eu, Fernam Furado, muu (cantiga) 160
Confundir a Cidade Com o Mar 161
Constança (poema) 161
Continua o poeta satirizando-oo... (poema) 162
Contos (Fialho de Almeida) 163
Contos com Desconto 163
Contos Fantásticos 163
Corpo no Outro Corpo 164
Correspondência (António Nobre) 164
Correspondência Jorge de Sena e Raul Leal 165
Crispim (personagem) 166
Cristiana (personagem) 166
Crucificados 166
Cruzeiro Seixas (1920-2020) 167
Curiosidades Estéticas 168

D **169**

Da Literatura (blogue) 169
Dançar a Vida: memórias 169
Dandismo: Canções 170
Daniel Lourenço (1988) 170
Daniel Martins (1983) 170
Daniel Sampaio (1946) 170
Daniela Viçoso (1990) 170
Dante 170
Danyel Guerra 171
David Mourão-Ferreira (1927-1996) 171
David Soares (1976) 171
De [Dom] Fernam Diaz Estaturão (cantiga) 171
De D. João de Menezes a uma Dama... (poema) 172
De Memória 172
De Mim 173
De Noite (conto) 173
Decadência 174
Dedicatória extravagante que o poeta... (poema) 174
Defensa Femenina em Abono da Manisse (texto) 175
Defesa e Condenação da Manice 175
Deivid Uva (personagem) 176
Deixa-me Ser 176
Descobre-me 177
Desejo Incontrolável 177
Desobediência 177
Des(orientação): Assumir é o Caminho? 178
Despida: reflexões de uma mulher transexual 179
Deus-dará 179
Devastação 179
Dezasseis Poemas de Ausência, Amor e Despedida 180
Dia C – Casamento Entre Pessoas do Mesmo Sexo 180
Diabruras de um Gay Assumido 181
Diário de Um Homossexual 181
Diário Secreto de Camila 181
Diários 182
Diferente (revista) 182
Diogo Simões (1997) 183
Diogo Telles Correia 183
Dislike 183
Dissecação de um Cisne 183
Divergentes 184
Do Corpo: Outras Habitações 184
Do Pop ao Teatro de Rua 184
Do que eu quigi, per sabedoria (cantiga) 185
Do Tempo: Os Seus Náufragos (conto) 185
Doces Tormentas 186
Doentes 186
Dois Mundos (série) 186
Dom Bernaldo, pesa-me que tragedes (cantiga) 187
Dom Estêvam achei noutro dia (cantiga) 187
Dom Estêvam, tam de mal talam (cantiga) 188
Dom Fernando, pero mi maldigades (cantiga) 188

AMOSTRA

Dom Fernando, vejo-vos andar ledo (cantiga) 188
Dom Luís (personagem) 189
Dom Tisso Pérez, queria hoj' eu (cantiga) 189
Domingos Lobo (1946) 190
Domingos Machado (1950) 190
Donamorta 190
Donzela, quem quer entenderia (cantiga) 191
Doutoramentos em Coimbra: Impugnação 5 teses 191
Duende 192
Dulce Maria Cardoso (1964) 192

E **193**

É o Coração Que Escolhe 193
E Onde É Que Está O Amor 193
E Se Tu Fosses Um Rapaz? 194
Eça de Queirós (1845-1900) 194
Eduardo Pitta (1949) 196
Egas Moniz (1874-1955) 198
Ei-los Que Partem 198
Elegia à Morte de Diogo Betancor (poema) 198
Elogio à Punheta (poema) 199
Elvis sobre a Baía de Guanabara e Outras... 199
Em Casa de Vasco 199
Em Nome do Corpo 200
Enredos 201
Ensaio Sobre a Angústia 201
Ensaios de Santidade 202
Entrevistas 202
Episódios de Um Baile (conto) 202
Eros Trágico (conto) 203
Erótica Pornográfica 203
Esperanto (personagem) 204
Esquina Cor-de-Rosa (livraria) 204
Essa Dama Bate Bué! 204
Estação Seca, Diário, Seguido de Topografia 205
Este Sou Eu 205
Estevão da Guarda (séc. XIII-XIV) 205
Estevão Faião (séc. XIII-XIV) 205
Estudos de José Régio: António Botto e o Amor 205
Eu digo mal, com'home fodimalho (cantiga) 206
Eu Existo 206
Eu Sou a Árvore 206
Eugénia e Silvina 207
Eugénio de Andrade (pseudónimo) 208
Eugénio de Castro (1869-1944) 211
EuroNovela 211
Evolução da Pederastia e do Lesbismo na Europa 212
Exaltação do Prazer 212
Excitações Klimtorianas 213

F **214**

Fado Alexandrino 214
Feira do Livro LGBT de Lisboa (feira do livro) 214
Feira do Livro LGBT do Porto (feira do livro) 214
Feira do Livro Queer de Lisboa (feira do livro) 214
Feminina (poema) 215
Fernan Díaz é aqui, como vistes (cantiga) 215
Fernan Díaz, este que and'aqui (cantiga) 216
Fernan Díaz, fazem-vos entender (cantiga) 216
Fernand'Escalho leixei mal doente (cantiga) 217
Fernand'Escalho vi eu cantar bem (cantiga) 217
Fernando Campos (1924-2017) 217
Fernando Correia Pina (1954) 218
Fernando Curopos 218
Fernando Dacosta (1945) 218
Fernando de Almeida Ribeiro (1884-1959) 219
Fernando Duarte Rocha 220
Fernando Pessoa (1888-1935) 220
Fernando Pessoa: a Homossexualidade, a... 221
Fernando Pessoa: Uma Quase-Autobiografia 222
Fernão da Silveira (c. 1436-1493) 222
Fernão Dias (séc. XIII) 223
Fernão Gonçalves de Seabra (séc. XIII) 223
Fialho de Almeida (1857-1911) 223
Filhas de Safo 225
Filipa Gonçalves (1980) 225
Filipe Santos (1989) 225
Filipe Vieira Branco (1996) 225
Filomena Cabral 226
Filomena Marona Beja (1944) 226
Fim de Um Mundo 226
Fisiologia do Fanchono (texto) 226
Flávio Furtado (1977) 227
Florêncio 227
Forma Breve n.º 7 (revista) 228
Fotobiografia de António Nobre 229
Fra Angélico (pseudónimo) 229
Fractura 230
Francisco Corrêa (1971) 231
Francisco Correa Netto (1644-??) 231
Francisco de Freire (1950) 231
Francisco J. S. A. Luís 231
Francisco Manuel Cabral Mettelo (1893-1982) 232
Freddie (personagem) 232
Frederico Lourenço (1963) 232
Free Spirits 234
Frei João Manuel (séc. XVII-XVIII) 234

G **235**

Galopam 235
Ganimedes (poema) 235
Gastão Cruz (1941-2022) 236
Gayvota 236
Genealogia que o poeta faz .... (poema) 237
Geneticamente Fúteis 237
Gervásio Lobato (1850-1895) 237
Gomes Leal (1848-1921) 238
Grandes Histórias de Amor: O Livro dos Amantes 238
Green God (poema) 238
Gregório Afonso (séc. XV-séc. XVI) 239
Gregório de Matos (1636-1695) 239
Guerra Junqueiro (1850-1923) 240
Guilherme de Melo (1931-2013) 240

H **242**

Heitor – É Isto e É Bom! 242
Hélder de Sousa 242
Hélder Moura Pereira (1949) 242
Helena (personagem) 245
Helga Moreira (1950) 245
Henoch (pseudónimo) 246
Henrique de Vasconcelos (1876-1924) 246
Henrique Levy (1960) 246
Henrique Pereira 247
Henriqueta, A Aventureira 247
Henriqueta Emília da Conceição 248

AMOSTRA

Henriqueta Emília da Conceição e Sousa ... 248
Henriqueta, ou Uma Heroína do Século XIX 249
Hino a Pã (poema) 249
Histórias da Noite Gay de Lisboa 250
Homem-Pessoa (pseudónimo) 250
Homens Sem Soutien 250
Homografias. Literatura e Homoerotism 250
Homoparentalidades 251
Homossexuais no Estado Novo 251
Homossexualidade (poema) 252
Homossexualidade e Homoerotismo em Pessoa 253
Homossexualidade e Resistência no Estado Novo 253
Homossexualidade no «Livro do Desassossego»... 254
Homossexualidades 254
Horto de Incêndio 255
Hospital Miguel Bombarda: 1968 256
Hugo Vieira Costa (1974) 256

I 257

Identidade de Género e Orientação Sexual na... 257
Idílio Triste (poema) 257
Ilha de Metarica 257
Ilha Teresa 258
INDEX ebooks (editora) 259
Indisciplinar a Teoria 260
Inês Marto (1995) 261
Inês Pedrosa (1962) 261
Insaciada (conto) 261
Instantâneos: fragmentos da memória 261
Insubmissos 262
Intensidades 262
Internato 262
Intriga em Família 263
Invectiva da Fermosura Contra o Indecoroso... 263
Irene Lisboa (1892-1958) 264
Isabel Alçada (1950) 264
Isabel de Sá (1951) 264
Isabel Moreira (1976) 265
Isabela Figueiredo (1963) 266
Isidro de Sousa (1973-2020) 266
Isto Não é um Glossário 266

J 267

J. J. Sobral (pseudónimo) 267
J. Rentes de Carvalho 267
Já Não Gosto de Chocolates 268
Jaime Brasil (1896-1966) 268
Jesus (personagem) 268
Jo Bernardo (1966) 269
Joana Estrela (1990) 269
João Aguiar (1943-2010) 269
João Alfacinha da Silva (1949-2007) 269
João Alves 269
João Alves da Costa (1948) 270
João Baveca (séc. XIII) 270
João Carlos Celestino Gomes 270
João Carlos Roque (1946) 270
João de Melo (1949) 270
João de Meneses (1460-1522) 271
João Ferreira 271
João Firmino (1959) 271
João Gaspar Simões (1903-1987) 271
João Geraldes 272
João Miguel Fernandes Jorge (1943) 272
João Pedro Anjos 274
João Salvador (personagem) 274
Joaquim Almeida Lima (1959) 275
Joaquim Manuel Magalhães (1945) 276
Joel Pinto (1975) 278
Jogo da Cabra Cega 278
Jogos Humanos 279
Jorge (personagem) 280
Jorge Aguiar Oliveira (1956) 280
Jorge de Sena (1919-1978) 280
Jorge Gato (1974) 288
Jorge Salavisa (1939-2020) 288
Jorge Vicente Valentim 288
José Anselmo Correia Henriques (1777-1832) 288
José António Almeida (1959) 288
José Emílio de Oliveira Marmelo e Silva (1948) 289
José Emílio-Nelson (pseudónimo) 289
José Feliciano de Castilho (1810-1879) 291
José Fontinhas (1923-2005) 291
José Jorge Letria (1951) 291
José Maria dos Reis Pereira (1901-1969) 291
José Marmelo e Silva (1911-1991) 291
José Martins Garcia (1941-2002) 292
José Matias (conto) 292
José Paulo Cavalcanti Filho (1948) 292
José Régio (pseudónimo) 293
José Riço Direitinho (1965) 293
José Sobral de Almada Negreiros 293
Judith Teixeira (1880-1959) 293
Judith Teixeira: O Modernismo Sáfico Português 295
Judith Teixeira: poesia e prosa 295
Júlia Nery (1939) 295
Júlio Dantas (1876-1962) 296
Júlio de Melo Fogaça 296
Júlio Gomes 297

K 298

Kalahari (conto) 298
Kama e o Génio (conto) 298
Kamasutra Gay 298
Kamasutra Lésbico 299
Korpus (revista) 299

L 300

La Vendetta ou O Saldo de Contas 300
Lábio/Abril 300
Ladislau Batalha (1856-1939) 301
Lago 301
Lara Crespo (1971-2019) 302
Leonel (personagem) 302
Leonor Campos (1952) 302
Leopoldina (personagem) 302
LES Online (revista) 303
Libaninho (personagem) 304
Lídia Jorge (1946) 305
Lígia Silva (1985) 305
Lilás (revista) 305
Lince Rebelo 306
Lisboa Galante 306
Literatura de Sodoma (tema) 307
Literatura para homens (tema) 308
Livraria Aberta (livraria) 310

Luanda, Lua 310
Lucialima 310
Lugar de Massacre 311
Luís Amorim de Sousa (1937) 312
Luís Augusto Duarte Santos (1911-??) 312
Luís Cardoso (1959) 312
Luís de Camões (1524?-1580) 312
Luís Duarte D'Almeida (1976) 313
Luís Martins (1953) 313
Luís Miguel Nava (1957-1995) 313
Luísa (conto) 315
Luiz Pacheco (1925-2008) 315
Lunário 316

M 318

M. A. Vagos 318
M. L. (pseudónimo) 318
Maçãs de Adão 318
Manual de Prestidigitação 319
Manuel da Silva Ramos 320
Manuel Teixeira-Gomes 320
Manuela Amaral (1934-1995) 320
Manuela Bacelar (1943) 321
Manuela Gonzaga (1951) 321
Mar Negro (conto) 321
Marcas de Água 321
Margarida Fonseca Santos (1960) 322
Margarida Leitão 322
Margens de Mim 322
Mari'Mateu, ir-me quer'eu daquém (cantiga) 322
Maria Bettencourt 323
Maria Carvalho Costa 323
Maria da Cunha (1862-1917) 323
Maria João Ruela (1969) 324
Maria O. (pseudónimo) 324
Maria Peregrina de Sousa (1809-1894) 324
Maria Teresa Maia Gonzalez (1958) 324
Maria Velho da Costa (1938-2020) 325
Maria Venes 325
Marilyn (conto) 325
Marículas (poema) 325
Mário Cesariny (1923-2006) 326
Mário Cláudio (pseudónimo) 329
Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) 332
Mark Sabine 334
Marta Dhanis (1982) 335
Marta Morgado 335
Marta Tasmânia (1975) 335
Máscaras de Salazar 335
Masculina (conto) 336
Materna Doçura 336
Mau Tempo no Canal 337
Medicina Legal: Homossexualidade Masculina... 337
médico homossexual (personagem) 338
Mem Rodrigues Tenoiro (séc. XIII) 338
Memória de Lápis de Cor 339
Metal Fundente 339
Metamorfose 340
Miguel Agramonte 340
Miguel Bonneville (1985) 340
Miguel Boronha 341
Miguel Botelho (1962-2019) 341
Miguel Moreira de Brito 341
Miguel Real (pseudónimo) 341
Miguel Rovisco (1959-1987) 342
Miguel Vale de Almeida (1960) 343
Mil Lésbicas Submarinas 344
Minha Mulher, a Solidão 344
Miss Ellen (conto) 345
Mónica Guerreiro (1981) 345
Monsanto (peça de teatro) 345
Motivos de Beleza 346
Motivos Para Sorrir 346
Mucha 346
Muda de Vida 346
Murmúrios com Vinho de Missa 347
Museu das Janelas Verdes 347

N 348

Na Rua do Volta Atrás (poema) 348
Narciso de Lacerda (1858-1913) 348
Nas Tuas Mãos 349
Natália Correia (1923-1993) 349
Navegador Solitário 350
Nazaré Álvares (1965) 350
Nélson Alves Ramalho (1981) 351
Nelson Quintino (1973) 351
Nicha: Mário Araújo Cabral 351
Nó Cego 351
No Terraço (conto) 352
Noites de Anto 352
Noivos do Mar 353
Norberto Morais (1975) 353
Notícia do Maior Escândalo Erótico-Social do... 353
Nova Safo 354
Novas Andanças do Demónio 355
Nua – Poemas de Bizâncio 355
Nuit Blanche 356
Nuno Miguel de Rovisco Garcia Pedroso 356
Nuno Santos Carneiro 356

O 357

O Amante Japonês 357
O Amor das Fêmeas (poema) 358
O Amor em Tempo de Trevas 358
O Amor Não é Isto 359
O Anjo Mudo 359
O Ano Em Que Pigafetta Completou a... 359
O Arrais de Roi Garcia (cantiga) 360
O Barão de Lavos 360
O Berloque Vermelho (conto) 362
O Bispo de Beja (poema) 363
O Bispo de Beja e Afins 365
O Bom Pastor (conto) 365
O Caderno do Algoz 366
O Cancro (conto) 366
O Capitão Nemo e Eu 366
O Capítulo Geral dos Franciscanos (poema) 367
O Casamento entre Pessoas do Mesmo Sexo 368
O Casamento Sempre Foi Gay e Nunca Triste 368
O Caso Renato Seabra 369
O Cavalo de Sol 369
O Céu Sob as Entranhas 370
O Conde de Abranhos 370
O Corpo em Pessoa 371
O Crime do Padre Amaro 372
O Curso das Estrelas 372

AMOSTRA

O Dia Em Que Nasci 373
O Escuro Que Te Ilumina 373
O Espelho do Narciso Gordo 374
O Essencial Sobre Eugénio de Andrade 375
O Essencial Sobre Marcel Proust 375
O Essencial Sobre Walt Whitman 376
O Estado Novo e Os Seus Vadios 376
O Filho de Mil Homens 377
O Fim do Mundo! (opúsculo) 377
O Físico Prodigioso (conto) 378
O Funâmbulo de Mármore (conto) 379
O Futuro É Só Amanhã 380
O Gorjão – Primeira Dama 380
O Homem dos Sonhos (conto) 381
O Homem Que Odiava a Chuva e Outras ... 381
O Homem Que Sabia a Mar 382
O Infante 382
O Jardim dos Perversos 382
O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica... 383
O Livro de Alda 384
O Livro do Pedro 384
O Lugar Supraceleste 385
O Mar Por Cima 385
O Marquês da Bacalhoa 386
O Medo 387
O Mensageiro Diferido 388
O Mestre 389
O Mundo Gay de António Botto 389
O Nylon da Minha Aldeia (conto) 390
O País das Uvas 390
O Pauzinho do Matrimónio (almanaque) 391
O Pecado de João Agonia 391
O Pecado de Porto Negro 392
O Perdão da Puberdade 392
O Pianista de Hotel 393
O Poeta da Lua 394
O Primo Basílio 394
O Que É Um Homem Sexual? 395
O Que Houver de Morrer 395
O Rapaz da Camisola Verde 396
O Rapaz da Camisola Verde (poema) 396
O Rapaz do Lilás 397
O Rei de Sodoma e Algumas Palavras... 397
O Retorno 398
O Sangue de Átis 398
O Seminarista 399
O Sexo Inútil 399
O Silêncio das Almas 399
O Sr. Ganimedes 400
O Táxi n.º 9297 401
O Tentador (conto) 401
O Triângulo Mágico 402
O velho vendedor (personagem) 403
O Verde Reflexo das Videiras (conto) 403
O Virgem Negra 404
O Vírus-Cinema: Cinema Queer e VIH/sida 405
Observação de Um Caso de Hermafroditism ... 406
Obsessão 406
Obviamente Mulher 407
Octávio (peça de teatro) 407
Oito Mulheres e Meia 408
Olga de Moraes Sarmento (1881-1947) 408
Olga Roriz 409
Olhos Calcinados 410
Olimpíadas 410
Ontem Homem, Hoje Mulher 410
Órbita Gay Macho (revista) 411
Organa (revista) 411
Os Amantes 412
Os Amantes e Outros Contos 412
Os Amantes Sem Dinheiro 413
Os Anjos de Gabriel 413
Os Cadernos Secretos de Sébastian 414
Os Cus de Judas 414
Os Degenerados 415
Os Deuses da Antevéspera 415
Os Diários de C. C. Rausch 416
Os Dias de Veneza 416
Os Grão-Capitães 417
Os Homossexuais nos Livros de Eça de Queiroz 418
Os Infiéis 418
Os Irmãos (conto) 419
Os Jogos Lésbios 420
Os Jogos Lésbios ou Os Amores de Joaninha 420
Os Maias 421
Os Mal-Amados 422
Os Marginais e a Revolução 423
Os Meus Dois Pais 424
Os Mistérios do Asfondelo 424
Os Mistérios do Porto 425
Os Navios Negreiros Não Sobem o Cuando 426
Os Serões do Convento 427
Os Sinais do Medo 428
Os Tempos que Correm 428
Os Vestidos do Tiago 429
Outros Destinos 429

P **430**

Palavras Bonitas Sobre Contas 430
Pão de Açúcar 430
Para Comigo 431
Partilha-te 431
Passado a Sépia (conto) 432
Pátio d'Alfândega / Meia-noite 432
Patologia Social (série) 433
Patrícia Ribeiro (1982) 434
Paulo Corte-Real 434
Paulo Drumond Braga (1965) 434
Paulo Neto (1980) 435
Paulo Patrício (1973) 435
Paulo Pepe 435
Pedro (personagem) 435
Pedro Clemente (1993) 435
Pedro da Silva 436
Pedro Ferreira Múrias 436
Pedro Gorski (pseudónimo) 436
Pedro Homem de Mello (1904-1984) 436
Pedro Michel Parks (1993) 438
Pedro Soriano 438
Pedro Vidal (pseudónimo) 439
Pedro Vieira (1975) 439
Pedro Xavier (pseudónimo) 439
Pena Capital 439
Pena Capital (conto) 439
Pepa 440
Pequenas Esculturas 441
Peregrinatio Ad Loca Infecta 441
Pero da Ponte (séc. XIII) 441
Pero d'Ambroa, sodes maiordomo (cantiga) 442

Pero d'Armea, quando composestes (cantiga) 442
Pero Garcia Burgalês (séc. XIII) 443
Pero Garcia de Ambroa (séc. XIII) 443
Pero Viviães (séc. XIII) 443
Perry Nava 443
Persona 443
Perversão Sexual 444
Pesadelo (conto) 444
Pessoa: uma biografia 445
Pixel 1 e 2 446
Pixel 3 446
Pode Um Desejo Imenso 446
Pode Um Desejo Imenso (trilogia) 447
Poemas 448
Poemas do Próximo Livro 448
Poemas Eróticos dos Cancioneiros... 448
Poesia 449
Poesia e Prosa 449
Poesia Escolhida 450
Poesia Humana 450
Poesia Palaciana (tema) 451
Poesias de Álvaro de Campos 451
Poesias Sem Decência 452
Poeta (Às Vezes) 452
Pompas Fúnebres 453
Ponto Zero 453
Pontos de Viragem (conto) 454
Possidónio Cachapa (1965) 454
Povo Que Lavas no Rio 455
Praia Lisboa 455
Prémios dezanove: o melhor livro do ano (prémio) 455
Primeira Antologia de Literatura Homoerótica... 456
Primeiro Cresci no Coração 457
Proezas de Frade ou Mistérios do...(poema) 457
Prostituição Masculina em Lisboa 458

Q **459**

Quando os Medos Ardem 459
Quando Tu Nos Mentes 459
Quatro & Um Quarto 460
Que Farei Quando Tudo Arde? 460
Que muito mi de Fernam Diaz praz (cantiga) 461
Que Sinos Dobram Por Aqueles Que Morrem... 461
Quebrar em Caso de Emergência 461
Queerquivo 462
Qüir (revista) 462

R **463**

Rabelais (pseudónimo) 463
Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) 464
Ranço 464
Raquel Afonso (1994) 465
Raquel Freire (1973) 465
Raquel Lito (1977) 465
Raul de Carvalho (1920-1984) 465
Raul Leal (1886-1964) 467
Realidade Branca 468
Receitas de Sedução para Gays e Lésbicas 468
Reflexos 469
Reinaldo Edgar Ferreira (1922-1959) 469
Reinaldo Ferreira (1897-1935) 470
Rentes de Carvalho 470
Repertórios de Nefandos 470
Repórter X (pseudónimo) 470
Ressurreição (conto) 470
Restos (peça de teatro) 471
Retrato de Rapaz 471
Retrato do governador António Luís da ... (poema) 472
Ricardo Felner (1976) 472
Ricardo Fonseca 473
Ricardo Sousa 473
Ricardo Sousa Fonseca (1982) 473
Richard Zenith (1956) 473
Richard Zimler (1956) 473
Rio da Glória 474
Rita Ferro (1955) 475
Rita Inzaghi (pseudónimo) 475
Rita Pinho Matos (1986) 475
Rodrigo Anes de Vasconcelos (séc. XIII-XIV) 475
Rodrigo de Castro (c. 1440-1503) 475
Rodrigo Guedes de Carvalho (1963) 476
Rodrigues (personagem) 476
Romances sobre patologias sociais (tema) 476
Rosa Lobato de Faria (1932-2010) 478
Rufininho (personagem) 478
Rui Eduardo Paes 479
Rui Manuel Pinto Barbot Costa (1941) 479
Rui Nunes (1947) 479
Rui Oliveira Marques 480
Rui Resende 480
Rui Ricardo (1974) 480
Rui Vilhena (1961) 481
Ruth Bryden, Rainha da Noite 481

S **482**

Saber ao Certo 482
Sachá 482
Sadomasoquismo S.F.F. 482
Sáficas 483
Sammahel 484
Sandra Soares (1978) 484
Sandro William Junqueira (1974) 484
Santos Vieira 484
São José Almeida (1960) 485
Satânia (conto) 485
Satânia: novelas 485
Saturnino, Porteiro dos Frades Bentos 486
Saudação a Walt Whitman | Canto de Mim Mesmo 487
Saul Samuel (personagem) 488
Sauromaquia 488
SCAT 489
Scientia Sexualis portuguesa (tema) 489
Sebastião (personagem) 490
Sedução 491
Segura-te ao Meu Peito em Chamas 492
Sem Medos (fanzine) 492
Sem Preconceito 493
Senhor, Partem Tão Tristes 493
Senhores de Si 494
Sensualidade e Amor 494
Sequências 495
Ser Diferente É Bom 495
Ser Gay 495
Ser Homossexual em Portugal 495
Sete Dias de Verão 496
Sexo Invertido? 496
SG Magazine (revista) 496

AMOSTRA

Sidónia: Signo de Toiro 496
Signo de Toiro 497
Silva Pinto (1848-1911) 497
Sinais de Fogo 497
Só 499
Sobre Esta Praia 499
Sodoma Divinizada (coletânea) 500
Sodoma Divinizada (panfleto) 501
soldado (personagem) 501
Solidão Povoada 502
Soneto do Clérigo Patife (poema) 502
Staccato 502
Susana Pereira Bastos 503

T **504**
Taborda (personagem) 504
Tati (personagem) 504
Teatro Completo 504
Técnicas de Engate 505
Teixeira-Gomes (1860-1941) 505
Teodorico e as Mães Cegonhas 506
Teolinda Gersão (1940) 506
Terceiro Sexo 507
Território Inimigo 507
Testemunho Apaixonado de Uma Vencedora 507
Tio Ângelo (personagem) 508
Tio Luís Eugénio (personagem) 508
Tio Zé (personagem) 509
Tito Lívio 509
Tortillas sem Ovos (conto) 509
Trans Iberic Love 509
Trás-os-Montes, o Nordeste 510
Travestis Brasileiras em Portugal 510
Trepadeira Submersa (conto) 511
Trevas de Luz 511
Trindades 512
Triunfo do Amor Português 512
Trivia (revista) 513
Tuberculose Social (série) 513
Tudo São Histórias de Amor 514

U **515**
Última Paragem, Massamá 515
Um cavaleiro me diss'em baldom (cantiga) 516
Um Dia As Canas Tocarão Nos Céus 516
Um Jeep em Segunda Mão (peça de teatro) 516
Um Jeep Em Segunda Mão; A Súplica 517
Um Rapaz a Arder 518
Um Sol Esplendente Nas Coisas 518
Um Toldo Vermelho 519
Um Verão em Sintra (conto) 519
Uma Ceia Alegre 520
Uma Década Queer 521
Uma Gota de Sangue 521
Uma Noite Sem Preservativo 522
Ursamaior 522

V **523**
Vagabundos de Nós 523
Valsas Nobres e Sentimentais 523
Valter Hugo Lemos (1971) 524
Valter Hugo Mãe (pseudónimo) 524
Valter Silva 524
Vamos Falar de Sexo 524
Versos Fanchonos, Prosa Fressureira 525
Via Atlântica n.º 24 (revista) 526
Via Atlântica n.º 33 (revista) 527
Viagem a Coimbra 528
Vicente Nogueira (1586-1654) 528
Vícios de Amor 528
Victor Correia 529
Vida Breve em Três Fotografias (peça de teatro) 529
Vidas São Vidas 529
Vinte e Oito Discursos Sobre Direitos LGBT 530
Violante de Cisneiros (pseudónimo) 531
Virar Travesti 532
Virgínia de Castro Almeida (1874-1945) 532
Virgínia Quaresma (1882-1973) 533
Virgínia Vitorino (1895-1967) 533
Visconde de Asseca 533
Visconde de Vila-Moura (1877-1935) 533
Vitoriano Braga (1888-1940) 534
Vitorino Nemésio (1901-1978) 535
Vós, que por Pero Tinhoso preguntades... (cantiga) 535

X **536**
Xavier de Carvalho (1862-1919) 536

Y **537**
Yara Monteiro 537

Z **538**
Zaca (personagem) 538
Zayas (editora) 538
Zetho Cunha Gonçalves 538
Zona Livre (revista) 539
Sobre A Editora 540

AMOSTRA